



Flávia Yamasaki

**Participação de idosos em um projeto de educação continuada
sob a perspectiva da Psicologia Social Comunitária**

Curitiba – Paraná
2016



Flávia Yamasaki

Participação de idosos em um projeto de educação continuada sob a perspectiva da Psicologia Social Comunitária

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de mestre no Mestrado em Psicologia Social Comunitária.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Claudia N. S. Wanderbroocke

Curitiba – Paraná
2016

Dados Internacionais de Catalogação na fonte
Biblioteca "Sydnei Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

Y11 Yamasaki, Flávia.

Participação de idosos em um projeto de educação
continuada sob a perspectiva da Psicologia Social Comunitária
/ Flávia Yamasaki; orientadora Prof^a dr^a Ana Claudia N.S.
Wanderbroocke.

111f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná
Curitiba, 2016.

1. Envelhecimento. 2. Universidade. 3. Terceira idade.
4. Educação continuada. 5. Psicologia social comunitária.
I. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia/ Mestrado em Psicologia. II. Título.

CDD – 374.00846

Aos idosos que compartilharam suas trajetórias, experiências de vida e sabedoria, o que foi essencial para a construção desse trabalho.

Agradecimentos

À Deus, em primeiro lugar, por toda força e proteção concedida.

Meu agradecimento especial à Prof.^a Dr^a. Ana Claudia N. S. Wanderbroocke pelas orientações, suporte e paciência, sem o qual não teria sido possível a realização deste trabalho.

À Prof.^a Dr^a. Maria Emilia Von der Heyde, coordenadora da UAM, pela oportunidade e confiança.

À Prof.^a Dr^a. Denise Camargo e Prof.^a Dr^a. Rita de Cassia da Silva Oliveira por aceitarem participar da banca de qualificação/defesa e contribuir com seus conhecimentos nesse trabalho.

À Coordenadoria de Desenvolvimento de Pessoas/PROGEPE/UFPR por todo apoio na concessão do auxílio financeiro, imprescindível para a realização do mesmo.

A querida amiga Paula Trovão de Sá, pela ajuda na tradução do Abstract.

Ao meu esposo, pelo incentivo, amor e paciência nas horas mais difíceis, de desânimo e cansaço.

Aos meus pais, por todo apoio e por acreditar na realização de mais esse sonho.

Às amigas Flávia Adachi e Noelly C. H. Mercer, companheiras de mestrado, que sempre estiveram presentes, dispostas a contribuir com seus conhecimentos e compartilhar os medos e inseguranças nas horas de aflição, e também as risadas nas horas de alegria.

Às parceiras de trabalho, pela compreensão e suporte nos momentos de ausência.

Aos professores e equipe da Universidade Tuiuti do Paraná pela atenção e profissionalismo.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para esse trabalho, o meu muito obrigado!

Envelhecer¹

*A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer
Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer*

*Eu quero que o tapete voe
No meio da sala de estar
Eu quero que a panela de pressão pressione
E que a pia comece a pingar
Eu quero que a sirene soe
E me faça levantar do sofá
Eu quero pôr Rita Pavone
No ringtone do meu celular
Eu quero estar no meio do ciclone
Pra poder aproveitar
E quando eu esquecer meu próprio nome
Que me chamem de velho gagá.*

*Pois ser eternamente adolescente nada é mais demodé
Com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer
Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender
Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr
Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer*

*Eu quero que o tapete voe
No meio da sala de estar
Eu quero que a panela de pressão pressione
E que a pia comece a pingar
Eu quero que a sirene soe
E me faça levantar do sofá
Eu quero pôr Rita Pavone
No ringtone do meu celular
Eu quero estar no meio do ciclone
Pra poder aproveitar
E quando eu esquecer meu próprio nome
Que me chamem de velho gagá.*

¹ Letra da música “Envelhecer” do compositor Arnaldo Antunes, Ortinho e Marcelo Jeneci e intérprete Marcelo Fruet utilizada como tema do Documentário “Envelhescência” dirigido por Gabriel Martinez e com argumento de Ruggero Fiandanese, 2015.

Resumo

O fenômeno do envelhecimento da população é uma realidade mundial e demanda atenção da sociedade sobre a questão da qualidade de vida desses idosos. Na sociedade atual, o conceito de que o idoso é um indivíduo incapaz, ocioso e inválido já está mudando, pois estudos indicam que fatores como: uma alimentação adequada, prática de atividades físicas, estimulação mental, interação social e atitudes positivas podem retardar ou minimizar os efeitos do envelhecimento. Dessa forma se destaca a importância dos programas de educação continuada voltados para os idosos visando à melhoria do seu bem estar e qualidade de vida. Dentro desse contexto, esse trabalho pretende responder as seguintes questões: Como pessoas acima de 55 anos significam sua participação em um projeto de UnATI e quais são os impactos desta participação na sua vida cotidiana? A partir desses resultados será possível compreender os significados do Projeto de Universidade Aberta da Maturidade para os idosos participantes, levantar os principais motivos que levam o idoso a procurar a UAM, identificar as expectativas acerca do Projeto, verificar se os conhecimentos adquiridos durante o Projeto foram úteis para a vida dos participantes e conhecer os possíveis benefícios da participação na visão dos inscritos. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, transversal, exploratória e descritiva, sob a abordagem da perspectiva construcionista social de Gergen e Gergen (2010). A pesquisa foi realizada com 10 alunos matriculados em um Projeto de Universidade Aberta da Maturidade da Universidade Federal do Paraná no ano de 2015, selecionados por conveniência. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados. As mesmas foram gravadas, transcritas e os dados foram submetidos à análise das práticas discursivas de Spink e Medrado (2013). Por meio dos relatos das entrevistas, foi possível destacar alguns temas importantes, como a compreensão dos mesmos sobre o próprio processo de envelhecimento, os motivos que os levaram a buscar o projeto, as expectativas iniciais dos participantes, os conhecimentos adquiridos, a metodologia mais apreciada e também as críticas e sugestões. Esses fatos levam a acreditar que apesar de ser um projeto de extensão institucionalizado, ainda há carência de profissionais com capacitação para o processo ensino-aprendizagem de idosos, e também a necessidade de atenção quando a infra-estrutura e acessibilidade dessas instituições-sede. O projeto permite aos idosos que eles se sintonizem com as questões de seu tempo, oferecendo recursos para os mesmos enfrentarem o processo de envelhecimento de forma mais ativa, prevenindo riscos psicológicos e físicos. Dessa forma, é preciso que a sociedade reconheça o potencial desses projetos para a vida desses cidadãos idosos e invista cada vez mais para que o número de pessoas beneficiadas seja aumentado.

Palavras-chave: Envelhecimento. Universidade. Terceira Idade. Educação continuada. Psicologia Social Comunitária.

Abstract

The population aging phenomenon is a global reality and demand attention of society on the issue of elderly's quality of life. Nowadays, the concept of the elderly as a disabled and invalid individual is already changing because studies indicate that factors such as adequate food, physical activity, mental stimulation, social interaction and positive attitudes can slow or minimize the effects of aging. Due to this reality, it is important to have continuous education programs seeking to improve well-being and quality of life for elderly. Within this context, this study aims to answer the following questions: How people over 55 years understand their participation in a UnATI project and what are the impacts of participation in daily life. From these results it will be possible to understand the meaning for the elderly participants in the Open University of Maturity, identify the main reasons why the elderly seek to study in the UAM, evaluate expectations about the project, analyze whether the knowledge acquired during the project were useful to the lives of participants and know the possible benefits of participation accordingly to the subscribers. This is a qualitative study, cross-sectional, exploratory and descriptive, in the approach to social constructionist perspective of Gergen and Gergen (2010). The survey was conducted with 10 students enrolled in a Project Open University of Maturity of the Universidade Federal do Paraná in 2015, selected by convenience. Semi-structured interviews were used as data collection instrument. The interviews were recorded, transcribed and data were submitted to analysis of the discursive practices of Spink and Medrado (2013). Analyzing the interviews, it was possible to highlight some important issues, such as understanding the own aging process, the reasons that led them to pursue the project, the initial expectations of participants, the acquired knowledge, preferred methodology and also the criticisms and suggestions. These facts lead to believe that despite being an university extension project, there is still lack of professionals with training in the teaching-learning process of the elderly, and there is also the need for attention to the infrastructure and accessibility of these host institutions. The project enables seniors to deal with his issues, providing resources to face the aging process more actively, preventing physical and psychological discomfort. Thus, it is necessary that the society recognizes the potential of these projects to improve the life of these elderly citizens and more so the number of participants can increase

Keywords: Aging. University. Third Age. Continuing education. Community social psychology.

Lista de tabelas

Tabela 1 - Artigos separados por categorias	49
Tabela 2 - Dados sociodemográficos.....	58
Tabela 3 – Resultados	65

Lista de abreviaturas e siglas

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAEX	Comitê Assessor de Extensão
CAPES	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CEFID	Centro de Ciências da Saúde e do Esporte
CF	Constituição Federal
EACH	Escola de Artes, Ciências e Humanidades
FESC	Fundação Educacional São Carlos
GAFTI	Grupo de Atividades Físicas para a Terceira Idade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
NAI	Núcleo de Assistência ao Idoso
NETI	Núcleo de Estudos da Terceira Idade
NIEATI	Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade
OMS	Organização Mundial da Saúde
PHSI	Programa de Habilidades Sociais para Idosos
PIAM	Programa Integral para la Persona Adulta y Adulta Mayor
PNL	Programação Neurolinguística
REVT	Projeto de Revitalização Geriátrica
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SESC	Serviço Social do Comércio
SPSS	Pacote de software de análise estatística
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAM	Universidade Aberta da Maturidade
UAMI	Universidade Aberta da Maior Idade
UATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
UCB	Universidade Católica de Brasília
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UERG	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UMA	Universidade da Maturidade
UnATI	Universidade Aberta da Terceira Idade

UNI3	Universidade Aberta do Uruguai
UNIARP	Universidade Alto Vale do Rio do Peixe
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-Oeste
UNITI	Universidade para a Terceira Idade
USP	Universidade de São Paulo
WHOQOL	Instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS

Sumário

1	Introdução	13
2	Revisão de Literatura.....	19
2.1	A multidimensionalidade da Velhice	19
2.2	Relações sociais, qualidade de vida e velhice	24
2.3	Educação e aprendizagem na velhice	27
2.4	Universidades abertas à terceira idade.....	32
2.4.1	<i>Motivação</i>	34
2.4.2	<i>Percepção sobre a velhice</i>	37
2.4.3	<i>Qualidade de vida.....</i>	39
2.4.4	<i>Depressão</i>	43
2.4.5	<i>Redes de suporte social</i>	45
2.4.6	<i>Perfil do estilo de vida.....</i>	46
2.4.7	<i>Manutenção do desempenho cognitivo.....</i>	47
2.4.8	<i>Avaliação de programas</i>	48
2.5	Visão dos idosos sobre participação nas UnATIs – avaliação participativa	54
3	Método.....	56
3.1	Perspectiva teórico metodológica: o construcionismo social	56
3.2	Delineamento do Estudo.....	57
3.3	Participantes	58
3.4	Local	59
3.5	Instrumento.....	62
3.6	Procedimentos	62
3.7	Análise dos dados	63
4	Resultados.....	65
5	Discussão dos Resultados	67
5.1	Experiências sobre o envelhecimento.....	67
5.2	Motivos da procura.....	71
5.3	Expectativas iniciais	74
5.4	Expectativas alcançadas	75
5.5	Conhecimentos adquiridos	79
5.6	Metodologias apreciadas	83
5.7	Críticas / sugestões	86
6	Considerações Finais	91

Referências	94
Apêndices	108
Apêndice I - Roteiro de entrevista com alunos do projeto	108
Apêndice II - Solicitação de autorização de pesquisa	110
Apêndice III - Termo de consentimento livre e esclarecido	111

1 Introdução

Nos últimos anos, o Brasil vem apresentando transformações na composição de sua estrutura etária, com a diminuição da taxa de fecundidade e mortalidade, e um aumento considerável do contingente de idosos. As características de sua pirâmide populacional são de uma sociedade em acelerado processo de envelhecimento (IBGE, 2008). A expectativa de vida ao nascer, que no Brasil, no ano de 2000 era de 69,8 anos, em 2060, a projeção é de que alcançará os 81,2 anos, quase chegando à média de idade da população do Japão, com 82,60 anos, considerado o país com maior taxa de expectativa de vida. Para isto, a sociedade precisa estar preparada para o crescimento das demandas da área da saúde, os gastos com a previdência social, e programas voltados a esses cidadãos idosos visando proporcionar-lhes uma melhor qualidade de vida, bem-estar e integração social.

Pode-se verificar no Brasil a existência de políticas públicas voltadas para assegurar aos idosos o direito de uma vida mais digna, participativa e integrada socialmente. Iniciando pela Constituição Federal (CF) de 1988, que consolidou um marco na trajetória dos direitos sociais e individuais dos idosos, conforme prevê em seu Art. 230 que diz: “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar, garantindo-lhes direito à vida” (BRASIL, 1988). A CF abriu espaço para elaboração e promulgação de um conjunto de leis que visam à liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade. A partir dela, a velhice passou a ter destaque no contexto político e econômico. Após a Constituição, foram promulgadas novas leis e decretos a favor dessa nova população, dentre elas, pode-se considerar as mais relevantes: a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842 de 4 de janeiro de 1994), que tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua

autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, e o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003). O Estatuto do Idoso, em conjunto com a Política Nacional do Idoso, dispõe sobre normas e diretrizes para a formulação e execução de políticas públicas e serviços destinados à população idosa definida como aquela com 60 anos ou mais. Em seu Art. 2 prevê que o idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (Brasil, 2003).

A preservação da saúde, preconizada na lei anterior, não significa apenas a ausência de doenças e enfermidades, e sim, um estado de completo bem-estar físico, mental e social segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (1946). Dessa forma, uma vida saudável na velhice depende de fatores sociais e condições adequadas de bens e serviços oferecidos às pessoas desse grupo etário. Considerando o envelhecimento como um processo positivo, a OMS (2005, p.13) adotou o termo “envelhecimento ativo” como uma proposta de vida longa acompanhada de políticas e programas que promovam a saúde mental, proteção, segurança, cuidados adequados, quando necessário e que oportunizem as relações sociais, visando manter a autonomia e independência dos idosos em todos os contextos de sua vida.

Tendo em vista este cenário de profundas transformações na pirâmide etária da sociedade e da necessidade de oferecer programas e serviços para promover o envelhecimento ativo, Veras e Caldas (2004) afirmam que o movimento Universidades Abertas da Terceira Idade (UnATI) vem trazendo conceitos e experiências práticas que representam uma nova forma de promover a saúde dos idosos, por meio de uma ação interdisciplinar para transformá-los em cidadãos ativos na sociedade. Em suas opiniões, os autores dizem ser essencial que esta experiência se multiplique para alcançar o maior número de pessoas da

terceira idade.

Portanto, a partir deste panorama, a presente pesquisa pretende responder as seguintes perguntas: Como pessoas acima de 55 anos significam sua participação em um projeto de UnATI e quais são os impactos desta participação na sua vida cotidiana? A partir dos resultados alcançados será possível compreender os significados de um Projeto da Universidade da Maturidade (UAM) para os idosos participantes.

A seguir, elencaram-se alguns estudos recentes sobre a temática dos programas voltados à educação permanente de idosos. Foram divididos em temas, como por exemplo, a motivação para freqüentar o programa nos estudos de Fernandes, Guimarães, Simas, Machado e Soares (2011), Ordonez e Cachioni (2011), Cuenca (2011) e Cachioni et al. (2014). Há trabalhos sobre a percepção do envelhecimento por idosos que freqüentam a Universidade Aberta da Terceira Idade, como nos estudos de Dátilo e Marin (2015), Silva, Cachioni e Lopes (2012), Oliveira e Simoneau (2012) e Costa e Campos (2009). Destacam-se ainda os trabalhos que investigam os impactos da participação nas UnATIs na qualidade de vida dos idosos, discutidos nos estudos de Castro et. al (2007), Alves e Lopes (2008), Zielinska-Wieczkowska, Muszalik e Kedziora-Kornatowska (2012), Baldin e Magnabosco-Martins (2015), Dawalibi, Goulart e Prearo (2014), Saturnino, Barboni e Silva (2010), Ordonez, Lima-Silva e Cachioni (2011) e Marconcini, Alves, Dias e Fonseca (2010). Além desses, foi investigado as temáticas sobre prevalência de depressão em idosos participantes das UnATIs na pesquisa de Irigaray e Schneider (2007) e Batistoni et al. (2011), sobre redes de suporte social em idosos participantes de um Programa para Terceira Idade na pesquisa de Domingues et al. (2013) e Carneiro e Falcone (2013), sobre o perfil do estilo de vida dos idosos de uma Universidade Aberta pelos autores Campos, Boscatto e Mineiro (2015), sobre a manutenção do desempenho cognitivo nos estudos de Kissaki et al. (2012), Casemiro et al. (2016) e sobre avaliação de programas nos trabalhos de Binotto, Milistetd, Bernedetti e Almeida (2015) e Lucas-Molina,

Pérez-Albéniz, Fonseca-Pedrero e Ortuño-Sierra (2015).

As pesquisas revisadas anteriormente sugerem que idosos que participam de programas de educação continuada podem ter uma melhora em sua qualidade de vida. É o que afirma Eltz, Artigas, Pinz e Magalhães (2014) em seu trabalho, que os programas de inserção do idoso no meio acadêmico, como as UnATIs, são atividades que contribuem para melhorar a qualidade de vida no processo de envelhecimento. Ressalta ainda que no Brasil, esses programas já são bem difundidos entre as instituições, possuindo um grande número de participantes, porém percebe-se ainda a carência de estudos que apresentem um panorama ampliado da temática no contexto brasileiro, com suas características, contribuições, limitações e desafios. Com base nesse contexto, o objetivo geral deste estudo é compreender os significados do projeto da Universidade Aberta da Maturidade da Universidade Federal do Paraná para os idosos participantes, e os objetivos específicos são:

- Levantar os principais motivos que levam o idoso a procurar a UAM;
- Identificar as expectativas acerca do Projeto;
- Verificar se os conhecimentos adquiridos durante o Projeto foram úteis para a vida dos participantes;
- Conhecer os possíveis benefícios da participação na visão dos inscritos.

Pretende-se vincular este estudo à área de concentração em Psicologia Social Comunitária na Linha de Pesquisa em Promoção de Saúde na comunidade, por abranger conceitos relacionados, como de comunidade de idosos, promoção de saúde, empoderamento² e autonomia. Na visão de Montero (2004), a Psicologia Comunitária é o ramo da psicologia que visa o estudo dos fatores psicossociais que permitem desenvolver, fomentar e manter o controle e poder, para que os indivíduos possam exercer seus direitos em seu ambiente

² O empoderamento pode ser definido como o processo no qual os membros de uma comunidade, indivíduos ou grupos organizados, desenvolvem em conjunto de maneira comprometida, consciente e crítica, capacidades e recursos para transformar suas vidas e a si mesmos de acordo com suas necessidades e interesses (Montero, 2009).

individual e social. Góis (1993) destaca que a Psicologia Social Comunitária é a área que se dedica a atividade do psiquismo decorrente do modo de vida, comunidade, suas relações, identidade, níveis de consciência, identificação, pertinência dos indivíduos ao lugar, entre outros. O objetivo é que o indivíduo se reconheça como sujeito responsável e competente na construção de sua vida. E essa construção social da realidade vem ao encontro com o que a autora Nogueira (2001) afirma em seu trabalho, que a teoria construcionista transferiu o centro da atenção da pessoa para o domínio social, dessa forma, a psicologia se torna o estudo do ser socialmente construído, levando em conta sua bagagem histórica, cultural e discursos que trazem uma relação complexa de poder envolvido, não podendo ser estudada individualmente. Resumindo, a autora ressalta que para o construcionismo, a compreensão do mundo e dos indivíduos se dá por meio das inter-relações entre as pessoas, com suas devidas especificidades históricas e culturais. A pesquisa construcionista social encarrega-se de desvendar os processos pelos quais os indivíduos descrevem, explicam, ou percebem o mundo a sua volta, incluindo a si mesmos, buscando o máximo entendimento (Gergen, 2009).

A comunidade de idosos constituída a partir dos encontros no programa das UnATIs possuem as características que Montero (2004) descreve como de um grupo social dinâmico, que partilha de interesses, objetivos, necessidades e problemas em comum, e que em suas inter-relações criam um sentimento de pertencimento e identidade social no grupo. Na visão de Bauman (2005), estes formam uma comunidade de destino, cujos membros são interligados por compartilhamento de idéias ou por uma variedade de princípios, diferente da comunidade de vida, cujos membros vivem juntos em uma ligação absoluta.

A principal motivação para esse estudo deve-se ao convívio com colegas de trabalho idosos nos últimos oito anos, são muitas histórias profundas e enriquecedoras de vida, experiências de trabalho que despertaram um interesse, um questionamento sobre a relação do ser humano com o próprio envelhecimento, a sua aceitação positiva ou não, se existe uma

preparação emocional e até financeira para esta fase. E a idéia tomou forma quando foi inaugurado o Projeto da Universidade Aberta da Maturidade (UAM), na Universidade Federal do Paraná, local em que trabalho, um espaço onde essa geração de idosos poderia se reunir, trocar experiências e refletir sobre seus interesses, sentimentos e angustias.

A presente dissertação está dividida em oito partes. A primeira parte é uma breve introdução ao tema envelhecimento e alguns dados sobre a pirâmide etária mundial. Na segunda parte dá-se início a revisão teórica sobre o tema, apresentando brevemente uma retrospectiva de como o envelhecimento é visto pela sociedade atual, qual a função atribuída aos velhos ao longo da história, caracterizado por uma mudança em sua identidade, com foco nas transformações do conceito de velhice no decorrer do tempo, a multidimensionalidade da velhice; considera-se a importância das relações sociais na vida dos idosos, o impacto em sua saúde física e mental; discorre-se sobre a educação e aprendizagem na velhice, destacando que a aprendizagem nessa etapa da vida pode garantir maior reforço da identidade pessoal e social desse indivíduo, se for realizada de maneira apropriada. Faz-se um histórico das universidades abertas à terceira idade e um panorama sobre o que vem sendo estudado nos últimos anos sobre o tema das UnATIs. E por fim, comenta-se sobre a avaliação participativa, na perspectiva de autores como Bosi e Uchimura (2010), Cuenca (2011) e outros. A parte III apresenta-se a proposta metodológica que guiou essa pesquisa. Na quarta parte, os resultados são apresentados em um quadro para melhor visualização e compreensão dos dados, para que na quinta parte haja a discussão dos resultados das entrevistas. Na sexta parte seguem-se as considerações finais, na sétima seguem-se as referências e na oitava e última parte a seção de apêndices.

2 Revisão de Literatura

2.1 A multidimensionalidade da Velhice

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001), o idoso é considerado todo indivíduo com 60 anos ou mais, podendo variar quanto às condições de saúde, nível de participação na sociedade e nível de independência em contextos diversos, e por esse motivo, a idade cronológica não é um marcador preciso. Para Zimerman (2000), o idoso é aquele que tem várias idades, a idade de seu corpo, de sua história genética, aspectos psicológicos e de suas relações sociais. Continua sendo a mesma pessoa que foi na juventude, se foi uma pessoa alegre, continuará sendo alegre e se foi uma pessoa exigente, também continuará sendo assim na velhice.

Concordam com essa afirmação, a autora Simone de Beauvoir (1990), que afirma que a velhice deve ser entendida em sua totalidade, dos fatores biológicos aos psicológicos, modificando e sendo modificado pela sua relação com o mundo e com sua própria história. Ela constitui a última fase do ciclo biológico do ser humano e do ponto de vista cronológico, seu início é variável, dependendo de fatores genéticos e ambientais (Bodachne, 1995). Os autores Schneider e Irigaray (2008) definem as idades da velhice como: a idade cronológica que se refere ao número de anos que tem decorrido desde o nascimento da pessoa; a idade biológica como as modificações corporais e mentais que ocorrem durante o processo de desenvolvimento e caracterizam o envelhecimento humano; e a idade social que é definida pela obtenção de hábitos e *status* social pelo indivíduo para o preenchimento de papéis sociais ou expectativas em relação às pessoas de sua idade em sua cultura ou grupo social.

Com relação ao conceito de idade psicológica, Papaléo Netto (2006) refere-se à relação que existe entre a idade cronológica e as capacidades, tais como: percepção, aprendizagem e memória, as quais antecedem o potencial de funcionamento futuro do

indivíduo e também pode estar relacionada com a maneira como o indivíduo avalia a presença de marcadores biológicos, sociais e psicológicos comparados a outras pessoas da mesma idade.

O envelhecimento pode ser definido como o processo fisiológico do corpo humano de crescimento e desenvolvimento, iniciando com o nascimento e finalizando com a morte, ressaltando que o processo de envelhecimento é diferente do processo de envelhecer. O primeiro refere-se às mudanças universais próprias da idade, que independem de doenças ou influências ambientais, e o segundo, diz respeito aos sintomas clínicos, que incluem os efeitos dos ambientes e das doenças (Spirduso, 2005). Papalia, Olds e Feldman (2006) intitulam os processos de envelhecimento como envelhecimento primário, processo gradual e fatal de degradação do corpo que ocorre no ciclo de vida, e o envelhecimento secundário, que ocorre quando o processo resulta de doenças, abuso ou falta de uso do corpo, que muitas vezes podem ser evitadas. Spirduso (2005) coloca que embora as causas sejam diferentes, eles interagem entre si, já que doenças e estresse ambiental podem precipitar o envelhecimento e aumentar a vulnerabilidade do idoso.

Do ponto de vista biológico, os cientistas acreditavam que com o envelhecimento, o cérebro perdia a capacidade de crescer, e ainda que 40% das células cerebrais poderiam ser destruídas, reduzindo a capacidade intelectual e a memória. Porém, atualmente sabe-se que as células do cérebro podem gerar novos neurônios em todas as idades, refutando a idéia da perda maciça e progressiva no processo de envelhecimento. Os especialistas acreditam que os principais motivos que levam a diminuição da capacidade cerebral são as doenças, e que é preciso encontrar meios de preservar e aumentar a eficiência do funcionamento cerebral, ao invés de se preocupar somente com o declínio (Lima, 2001). Para Zimerman (2000), envelhecer implica que o indivíduo sofrerá alterações físicas, psicológicas e sociais, mas uma alimentação adequada, prática de exercícios físicos, estimulação mental, atitudes positivas

perante a vida são fatores que podem retardar ou minimizar os efeitos da passagem do tempo.

De acordo com os autores Papalia et al. (2006), atualmente os especialistas nos estudos sobre o envelhecimento citam três categorias de pessoas mais velhas: os “idosos jovens”, os “idosos velhos” e os “idosos mais velhos”. A expressão “idosos jovens” se refere a pessoas na faixa etária de 65 a 74 anos, que geralmente estão ativas, cheias de vida e vigorosas. Os “idosos velhos” se referem aos que estão na faixa etária de 75 a 84 anos e os “idosos mais velhos”, as pessoas que pertencem à faixa etária de 85 anos ou mais, que estão mais propensos a fraqueza e enfermidades, e que podem apresentar dificuldades para desempenhar algumas atividades do seu cotidiano. Os mesmos autores também descrevem outro exemplo de classificação, a por idade funcional, em que a capacidade de uma pessoa para viver efetivamente bem em seu ambiente físico e social é comparado com outras pessoas da mesma idade cronológica, porém com desempenhos diferentes, como por exemplo, uma pessoa com 90 anos que ainda tem boa saúde física e mental pode ser funcionalmente mais jovem do que uma de 65 anos que não está tão bem.

Dessa forma, pode-se afirmar que o envelhecimento não pode ser determinado somente pela idade cronológica, mas sim pelo resultado das experiências vividas, da forma como se vive e se administra a própria vida no presente e das perspectivas futuras, sendo assim uma associação das vivencias pessoais, do contexto social e cultural em determinada época, abrangendo os aspectos biológicos, cronológicos, psicológicos e sociais (Schneider e Irigaray, 2008). Esse idoso ou velho, dependendo do seu contexto social, pode produzir uma variedade de “posições de sujeito”, ou seja, diferentes identidades (Hall, 2006), que podem ser tanto positivas quanto negativas. Segundo Berger e Luckmann (2003), a identidade pode ser definida como um fenômeno proveniente da dialética entre um indivíduo e a sociedade, e é constituída por processos sociais, e que uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais.

Alguns autores como Pontarolo e Oliveira (2008), citam casos de idosos que após a chegada da velhice ou até mesmo da aposentadoria, têm suas identidades associadas à inutilidade e incapacidade, pois segundo eles, o idoso passa a se sentir como alguém que foi produtivo no passado, porém agora passa a assumir papéis de baixo status social, resultando em auto-estima diminuída, criatividade empobrecida, inserção social prejudicada, apatia e desânimo. Moura e Souza (2012) também afirmam que a aposentadoria modifica toda rotina estabelecida anteriormente pelo indivíduo, ele começa a ter mais tempo livre, não encontra mais diariamente seus colegas de trabalho, aumenta seu tempo disponível para o relacionamento conjugal e/ou familiar, aumenta o contato com os afazeres domésticos, dessa forma, torna-se uma ocorrência muito marcante na vida dos idosos e nem sempre trazem satisfação pessoal. Além da aposentadoria, as autoras citam mais duas condições clássicas que ocorrem a partir dos 50 anos e que podem ser também os motivos de solidão e distanciamento desses idosos, são elas: esvaziamento da rede social sucedido pela saída dos filhos de casa e viuvez. E por esse motivo a identidade etária da velhice é associada com invalidez e ociosidade (Silva, 2008).

Os autores Schneider e Irigaray (2008) ressaltam que a experiência da velhice pode ser vivenciada de forma positiva ou negativa de acordo com a história de vida da pessoa e da representação de velhice que está vinculada a sociedade em que vive. E ainda enfatizam que estudos realizados nas sociedades não ocidentais comprovam que a velhice nestes lugares é representada com uma imagem positiva, demonstrando que a velhice como idéia de perda e deterioração não é universal. Como descreve Beauvoir (1990), que nas sociedades antigas, consideradas tradicionais, a velhice estava associada a uma questão de poder, de honra e de sabedoria, como no tempo da Pólis, em que a autoridade máxima era sempre assistida por um conselho de anciões ao tomar suas decisões, pois levavam em conta as experiências e sabedorias desses consultores. Cita também a sociedade chinesa, outra sociedade que

privilegiava a condição de velho em seu meio, muito hierarquizada, que regulamentava rigorosamente as relações entre superiores e inferiores. Nessa civilização, o homem mais idoso era o detentor da sabedoria, a autoridade máxima e toda a família deviam obediência a ele. Não havia contestação dessas práticas, já que a cultura e os costumes preconizavam que a mulher devia obediência absoluta ao homem, e os mais jovens aos mais velhos, e somente depois dos 70 anos que os homens deixavam seus cargos oficiais para se prepararem para a morte, a autoridade do patriarca não diminuía, eles só deixavam seu filho mais velho no comando da casa.

A transformação da velhice em uma etapa diferenciada da vida foi possível após várias mudanças específicas e discursos que reorganizaram o curso da vida. Foram fatores fundamentais e determinantes para o seu surgimento a formação de novas especialidades médicas, como a geriatria, que se refere aos estudos das doenças que afetam os idosos, e a gerontologia, que estuda os processos do envelhecimento e também o fator da institucionalização da aposentadoria, criada pelos patrões para assegurar a disciplina e manutenção da rentabilidade dos trabalhadores considerados não mais aptos para o trabalho, tendo em vista o processo de industrialização (Silva, 2008).

Com relação aos diferentes termos utilizados para a velhice, é possível uma maior reflexão a partir do trabalho de Cachioni e Palma (2006) que relatam que o termo “terceira idade” surgiu pela primeira vez em 1956 para designar idosos e logo foi adotado por vários países da Europa e América. A primeira idade se referia à infância, que traduzia a idéia de improdutividade, e a segunda, a vida adulta, a vida produtiva. A terceira idade referia-se ao período da vida em que a pessoa se aposentava, período não produtivo. As autoras entendem que essa expressão, assim como cabelos de prata, melhor idade, feliz idade e outras devem ser evitadas, pois significam preconceitos da sociedade em relação aos idosos e essa fase da existência. Ressaltam que assumir com serenidade que se é velho depende de um processo

educativo que desde a infância facilita a compreensão desse status na sociedade e que com isso espera-se que o idoso se apodere e transforme, visando uma velhice digna e bem sucedida. Contrapondo com essa opinião, a autora Silva (2008) traz em seu trabalho que o termo “terceira idade” surgiu por volta da década de 60, e provocou uma transformação na história da velhice, que antes era entendida como uma fase de decadência física e invalidez, e passou a significar uma etapa da vida com momentos de lazer propício à realização pessoal dos objetivos que não foram possíveis de serem realizados durante a juventude, a criação de novos *hobbies*, habilidades e cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos a família. A autora destaca como hipótese para o surgimento desse fenômeno, a generalização e reorganização das aposentadorias, do discurso da gerontologia social e dos interesses da cultura de consumo. A necessidade psicológica e cultural passou a ser estimulada, favorecendo o surgimento de espaços de convivência específicos para a terceira idade. Para Rozendo (2010), o termo velhice vem acompanhado de preconceitos que marcam o estigma do envelhecimento, no entanto, o termo terceira idade se refere a uma população idosa ativa, inserida nas práticas éticas, estéticas e políticas de uma sociedade moderna consumista.

A existência de vários termos para designar a velhice revela o quanto o processo de envelhecimento é complexo, negado, evitado ou temido, deixando claro a existência de preconceitos por parte da pessoa idosa e da sociedade, segundo os autores Schneider e Irigaray (2008), assim faz-se necessário uma reeducação para superação desses, pois se tornar velho é aceitar e ter orgulho dessa experiência, sabedoria e liberdade.

2.2 Relações sociais, qualidade de vida e velhice

O processo de envelhecimento não pode ser evitado, mas pode ser melhorado com a manutenção da autonomia e da independência do idoso, para uma melhor qualidade de vida, enriquecimento pessoal, vida ativa e saudável e a velhice não pode ser considerada

simplesmente, como sinônimo de redução da capacidade de trabalho ou diminuição das atividades sociais (Queiroz e Papaléo Netto, 2007). Moura e Souza (2012) argumentam que a autonomia é alcançada quando o indivíduo é capaz de tomar suas próprias decisões e executá-las de maneira satisfatória enquanto que a independência envolve adaptação física, mental e social para realizar atividades rotineiras sozinho. Já a qualidade de vida é relacionada ao grau de satisfação encontrada em diversos contextos: familiar, amoroso, social, ambiental e a própria estética existencial, uma síntese cultural de todos os elementos que a sociedade considera como padrão de conforto e bem-estar. Assim essas condições dependem não somente do indivíduo, mas sim de sua interação com os outros e a sociedade (Cachioni e Falcão, 2009). Para Paschoal (2006), o conceito de qualidade de vida é muito amplo, podendo variar de individuo para individuo, conforme o decorrer do tempo, do estado emocional do momento, dos eventos do cotidiano e da sua história de vida. O autor a definiu como a percepção de bem-estar do individuo, que resulta da avaliação de suas realizações durante a vida, daquilo que idealiza como importante e seu grau de satisfação.

Essa satisfação pode ser obtida, de acordo com Fernandes, Nascimento e Costa (2010) com a inserção e o engajamento social, pois estes favorecem a identificação com os anseios e valores do grupo, reforçando no idoso seu sentimento de utilidade e a vivência de um estado de bem-estar. Cachioni e Falcão (2009) concordam com essa afirmação, ao pontuarem que a velhice não é sinônimo de incapacidade funcional e dependência, ela pode ser bem-sucedida se for aliada a uma boa saúde física e mental, atividade e envolvimento com a vida. Bodachne (1995) também destaca que nos dias atuais, há estudos que visam prolongar a vida dos seres humanos, porém todos concluem que a maneira como vivemos influencia diretamente na longevidade, exceto as condições de ordem genética que a ciência não consegue alterar. Neste cenário, se destaca a importância das relações sociais para a vida dos indivíduos da terceira idade. Para Cachioni e Aguilar (2008), viver em sociedade é indiscutivelmente relevante, pois

permite o aprendizado de novas formas de comunicação e regras de convívio, o conhecimento acerca de si e do mundo, a construção de sua identidade e a garantia de novas experiências emocionais positivas.

Netto (2001) afirma que tem se observado importantes mudanças nas atitudes de diferentes sociedades frente à população de idosos, pois passou a ser cada vez mais reconhecido que seus integrantes têm condições de manter uma série de atividades importantes, tanto profissionais como sociais e que podem e precisam continuar a exercer plenamente sua cidadania. Percebeu-se também uma série de potencialidades, que se bem exploradas, poderiam redimensionar seu lugar social. Dados da OMS (2005) preconizam que muitos idosos continuam a trabalhar tanto no mercado formal quanto no informal em todo país, representando um recurso vital para suas famílias e comunidades.

Porém, para os idosos que não precisam trabalhar, mas ainda desfrutam de saúde e buscam uma melhor qualidade de vida, Cachioni e Falcão (2009) afirmam que há programas comunitários como da Casa da Família, programas de universidades voltadas para a terceira idade ou grupos de convivência que se tornam importantes para o suporte psicossocial e afetivo, pois os envolvem em atividades sociais. Queiroz e Papaléo Netto (2007) afirmam que os maiores responsáveis pelo envelhecimento saudável são a sociabilidade e a educação. E que para atender a esta população, encontramos em todo o Brasil, programas de valorização dos idosos, como os centros de convivências do SESC, clubes de terceira idade com programações turísticas e culturais e as Universidades da Terceira Idade, incentivando o estudante mais velho a participar do ensino e aprendizagem. Cachioni e Falcão (2009) também afirmam que o objetivo das Universidades da Terceira Idade é contribuir para a melhoria dos níveis de saúde física, mental e social dos idosos, promovendo uma melhor qualidade de vida. Patrocinio e Todaro (2012) afirmam que os programas de educação específicos para idosos permitem que eles saiam do isolamento, proporcionando melhor saúde

e bem-estar, interesse pela vida e pelas situações do cotidiano, auxiliando em sua promoção de saúde e prevenção das vulnerabilidades.

De acordo com Abramowicz (2001), a interação social entre os idosos em grupos estabelece um ambiente de afetividade, de acolhimento, crescimento pessoal, inclusão, dignidade, pertencimento ao grupo, entre outros, afastando a sensação de solidão, desprezo, exclusão da sociedade e desvalorização, que alguns idosos podem sentir com o passar dos anos. O clima democrático nos grupos, com o compartilhamento de situações de vida semelhantes, sem a cobrança e obrigações familiares, permite aos integrantes, desenvolver habilidades como o autoconhecimento, autocompreensão, auto-expressão, e a possibilidade contínua de aprendizagem. Segundo a mesma autora, a velhice é o momento de reapropriar-se da vida, de renovação de identidade, de educação permanente, de auto-realização em um importante espaço existencial que é o grupo.

2.3 Educação e aprendizagem na velhice

Nas palavras do escritor e educador Paulo Freire (2002), somos todos seres inacabados, incompletos, e estamos em constante desenvolvimento e aprendizagem. Para ele, a experiência vital se baseia nessa incompletude. Seguindo por esta linha de pensamento, Veiga, Cordeiro e Ferreira (2014), argumentam que ainda que se tenha chegado à velhice, há a necessidade de continuar aprendendo, conhecendo e vivendo novas experiências a partir do diálogo e das trocas.

Os mesmos autores complementam ainda que, diferentemente da educação formal, a educação ao longo da vida, principalmente no estágio da velhice, deve abranger espaços informais de convívio e trocas diárias entre pessoas de diferentes gêneros, religiões, origens, ocupações e classes sociais, valorizando saberes e diferenças individuais e culturais, promovendo um ensino/aprendizagem a partir de uma relação dialógica, sem hierarquias

rígidas e controladoras. Os autores também citam os territórios por onde vivem e se movimentam, como por exemplo, suas casas, ruas, bairros e lugares que freqüentam e as territorialidades, ou seja, as relações estabelecidas com e nestes lugares do cotidiano como um importante e contínuo local de aprendizado. Por fim, enfatizam a potencialidade da educação contínua e permanente como um fator enriquecedor das relações humanas.

Para Yuni e Urbano (2011), o aprendizado em pessoas idosas pode ser considerado como um processo dinâmico, estruturado por condicionantes subjetivos e intersubjetivos, indispensáveis para a conservação de sua complexidade psíquica. Destacam também que o aprendizado em idades avançadas está associado mais a oportunidades e condições do que a capacidade propriamente dita, e ressaltam ainda que esse desenvolvimento psicossocial possibilita ao idoso o reforço de sua identidade pessoal e social. Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2015) apóiam essa idéia ao afirmarem que a educação voltada aos idosos pode ser encarada como um meio de libertação e mudanças, permitindo o fortalecimento da autoestima, a inserção social, o reconhecimento dos novos papéis sociais que os mesmos assumem com o passar dos anos, possibilitando melhorias nas condições de sobrevivência e qualidade de vida, dignidade e cidadania.

Cuenca (2011) também relata em seu estudo que o aprendizado está diretamente relacionado ao desenvolvimento humano, do nascer ao morrer, em todas as etapas da vida em contínua evolução. Dessa forma, na fase adulta, conforme vão superando as fases do ciclo de vida, o aprendizado não se concentra mais em atingir rendimentos acadêmicos, mas sim, pressupõe oferecer ao indivíduo oportunidades para o crescimento pessoal, o desenvolvimento da sociabilidade e o estímulo da autonomia. A autora também destaca a importância da motivação na educação de pessoas idosas, que ativa nelas a vontade de querer aprender, o sentimento de utilidade, a manifestação de suas necessidades, interesses e expectativas. Afirma ainda que os conteúdos desse processo de aprendizagem devem estar adaptados as

características, expectativas, valores, interesses e necessidades do referido público e cita alguns pontos como:

1. O aprendizado deve ser útil e atender as necessidades pessoais, sociais e educativas sentidas e/ou percebidas;
2. O programa deve ser personalizado, atendendo as expectativas e interesses;
3. Os idosos devem ser ativos, participativos e protagonistas nesse processo;
4. O grupo precisa ser cooperativo e colaborativo;
5. O conteúdo precisa ser significativo, que leve em consideração a bagagem cultural de cada individuo;
6. A motivação e auto-estima devem ser estimuladas para que o idoso tenha a oportunidade de continuar se desenvolvendo.

A base para a educação permanente em idosos deve contar com a interdisciplinaridade, conforme aponta Cachione e Neri (2004), pois as disciplinas precisam interagir entre si, buscando uma nova forma de aprendizado, considerando a bagagem de conhecimentos e a história pessoal de cada individuo. Faz-se necessário mudar objetivos, conteúdos e métodos e ajustar de acordo com as necessidades dessa população que envelhece, e esta é a proposta da educação permanente voltada ao público idoso. As autoras também afirmam que neste cenário se encaixa a “gerontologia educacional”, que pode ser definido como um campo interdisciplinar que atua no contexto da evolução da educação de idosos, da formação de recursos humanos para lidar com a velhice e na mudança das perspectivas das sociedades em relação aos idosos e ao envelhecimento.

O termo “gerontologia educacional” foi empregado pela primeira vez por David Peterson, na Universidade de Michigan em 1970. Após seis anos, ele definiu como a área que cuidava do estudo e da prática de ensino para pessoas idosas ou em processo de envelhecimento, e depois de mais quatro anos, afirmou se tratar de uma tentativa de aplicar o que já se conhecia em relação à educação e o envelhecimento em prol da melhoria da vida dos mesmos. Assim, classificou os conteúdos em: educação para os idosos, educação para a população em geral sobre a velhice, formação de recursos humanos para o trabalho com idosos (Cachione e Neri, 2004). Lemieux e Martinez (2000) usaram o termo “gerontagogia”, cujo modelo de educação se posicionava entre a pedagogia e a andragogia, e permitia a combinação de diferentes especialidades como: a psicologia, filosofia, antropologia, história, sociologia, economia, entre outras, para melhorar a educação em pessoas idosas.

De acordo com Pereira (2014), a andragogia parte do pressuposto de que a aprendizagem em adultos é diferente daquelas demonstradas por crianças, já que ele possui estratégias, maturidade e motivação diferentes. Ressalta ainda que o adulto aprende para aplicar o conhecimento em um curto prazo, e não para guardar para o futuro. Fraíz (2015) destaca alguns pressupostos que considera importantes da andragogia, como:

- Diferenciar os modelos pedagógicos e andragógicos;
- Partir das necessidades do que e como se quer aprender nesta idade;
- Considerar a relação horizontal participativa aluno-aluno e não professor-aluno, já que ambos constituem lugares de saber;
- Considerar o professor como facilitador e o aluno como corresponsável no processo de aprendizagem;

- Desenvolver o processo educativo não como de ensino-aprendizagem, mas sim de orientação-aprendizagem;
- Garantir a interação entre os participantes ou estudantes;
- Abordar o processo avaliativo como de auto-avaliação ou avaliação conjunta entre os participantes.

Portanto, a aprendizagem em pessoas idosas se torna um processo possibilitador, facilitador e motivador, aumentando assim a qualidade de vida, autonomia, sociabilidade, sentimento de utilidade, desenvolvimento pessoal e social e ainda prepara esses indivíduos para um novo futuro, já que preparar-se para envelhecer não precisa significar preparar-se para morrer. Aceitar um novo presente fortalece para uma vida plena e feliz (Cuenca, 2011).

A educação permanente em idosos deve ser construída juntamente com os próprios alunos, eles precisam ser parceiros na elaboração desses projetos, para que se sintam motivados a aprender, a realizar seus sonhos e projetos de vida adiados, se sintam ativos, atualizados e inseridos na sua comunidade, já que eles são agentes de seu desenvolvimento (Cachione e Neri, 2004). Para Taam e Stieltjes (2012), a proposta da educação permanente é o encontro com pessoas com diferentes níveis de escolaridade, classes sociais que resulta em algo maior do que o pretendido ao se inscreverem no programa, é mais que uma busca por um estilo de vida saudável que permita viver mais e melhor, é poder realizar desejos e sonhos antigos que a insatisfação e as carências desencadeiam.

Para Fernández e Brenes (2015) o aprendizado está presente em todas as etapas da vida, ainda que com características diferentes. É uma habilidade própria do ser humano, que é aberto, capaz de adquirir novos conhecimentos, As autoras ainda afirmar que o aprendizado

contínuo é uma exigência da sociedade atual e cada vez será mais exigido, permitindo novos desafios para os idosos, como:

- Aprender mais, ou seja, preocupar-se mais com o próprio desenvolvimento, por meio do conhecimento de suas próprias capacidades, a transferência de conhecimentos de um contexto a outro e o desenvolvimento de habilidades sociais;
- Aprender novos conteúdos (outros idiomas, cursos técnicos, etc) para adaptar-se a novos contextos;
- Adquirir novas competências com respeito à iniciativa, planejamento e gestão de projetos, responsabilidades, interesses e compromissos para novas atividades;
- Responder a obrigações da via privada e na sociedade;
- Fazer uso do tempo disponível de uma forma enriquecedora, organizar com atividades que contribuam para melhorar qualidade de vida.

2.4 Universidades abertas à terceira idade

Cachioni e Palma (2006) ao levantarem o histórico das UnATIs encontraram que em meados da década de 1960, surgiram na França, as primeiras “Universidades do tempo livre”, com o intuito de ocupar o tempo livre dos aposentados, com atividades culturais e voltadas ao fortalecimento das relações sociais, pois ainda não havia a preocupação com a educação permanente. Porém, em 1973, foi criada a primeira “Université du Troisième Âge”, na Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, com o objetivo de tirar os idosos do isolamento, mudar a sua imagem perante a sociedade e promover mais saúde, energia e interesse pela vida.

O programa foi tão bem aceito que em 1975 já era possível encontrar Universidades na Bélgica, Suíça, Polônia, Itália, Espanha, Canadá (Quebec) e Estados Unidos (Califórnia). Desde sua criação, o movimento das Universidades da Terceira Idade se expandiu pelo mundo todo, e desde então sofreu algumas modificações e adequações dos modelos originários: francês e inglês, conforme as necessidades sociais de cada contexto e dependendo do perfil educacional e econômico das diferentes populações. Com o aumento da procura pelas Universidades, elas foram convidadas a desenvolver estudos na área da gerontologia, pois suas atividades apoiavam-se em conceitos de participação e desenvolvimento de estudos sobre o envelhecimento, que geraram pesquisas de campo, contribuindo para a melhora de vida dos alunos e da população dessa mesma faixa etária (Cachioni e Palma, 2006). Conforme Netto (2001), o objetivo era que os alunos estivessem atualizados com as situações e problemas do mundo contemporâneo.

Ainda de acordo com Cachioni e Palma (2006), na América Latina, o Programa das Universidades Abertas surge na década de 80, com a Universidade Aberta – UNI3 Uruguai, com sede no Instituto de Estudos Superiores de Montevidéu, fundada nos princípios da UNI3 de Genebra. Atualmente, as UNI3 já se espalharam por países como o Paraguai, Argentina, Chile, Panamá, Venezuela, México e Brasil. No Brasil, os primeiros programas para idosos tiveram inicio em meados dos anos de 1960, pelo SESC, com grupos de convivência, programa de lazer objetivando ocupar o tempo dos idosos. As primeiras Escolas Abertas para a Terceira Idade surgiram em 1970, com disciplinas mais específicas como: aspectos biopsicossociais do envelhecimento, preparação para aposentadoria, atividades culturais e físicas, porém direcionados a um público com nível educacional um pouco acima da média da população. O primeiro programa brasileiro reconhecido como extensão universitária surgiu em 1982, na Universidade Federal de Santa Catarina, e foi intitulado de Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI). Após este, foram criados o Projeto GAFTI (Grupo de Atividades

Físicas para a Terceira Idade) pela Universidade Federal de Santa Maria, que logo se tornou NIEATI (Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade), a Universidade Sem Fronteiras, organizada pela Universidade Estadual do Ceará, o NAI (Núcleo de Assistência ao Idoso) na Universidade Estadual do Rio de Janeiro que posteriormente deu origem a UnATI (Universidade Aberta à Terceira Idade) e em 1990, surgiu a Universidade da Terceira Idade da Pontifícia Católica de Campinas, que marcou o início do surgimento de várias outras instituições em todo o país.

Para os alunos dessas instituições, as Universidades Abertas passaram a representar uma oportunidade para o reencontro ou redescoberta de seu potencial, de mostrar a sua família e a sociedade seus valores como cidadãos ativos e participantes, capazes de lutar pelos seus direitos, objetivos e metas (Netto, 2001).

Por meio de buscas nos portais de artigos acadêmicos como portal Capes, Scielo, Lilacs e BVS pode-se verificar alguns autores que têm pesquisado sobre a temática das UnATIs nos últimos 10 anos. Foram utilizadas as palavras-chave: envelhecimento, educação e universidade aberta. Esta revisão não teve como objetivo elencar a totalidade da produção científica no âmbito da temática e sim, levar ao conhecimento do leitor um panorama dos temas que vem sendo estudados no âmbito do estudo das UnATIs. Os artigos selecionados no período entre maio e junho de 2016, após uma leitura preliminar, foram agrupados segundo a temática em comum. As categorias classificadas foram: a) motivação, b) percepção sobre a velhice, c) qualidade de vida, d) depressão, e) redes de suporte social, f) perfil do estilo de vida e g) manutenção do desempenho cognitivo. Foram excluídas as publicações que não se referiam as UnATIs.

2.4.1 Motivação

Sobre a motivação para freqüentar o programa de educação continuada destaca-se o estudo de Fernandes et al. (2011) que procuraram identificar os motivos de adesão e de

permanência, e também investigar as características pessoais dos alunos matriculados no programa da Universidade Aberta à Maturidade do CEFID/UDESC. A pesquisa foi composta por uma amostra não probabilística intencional por acessibilidade de 67 alunos, sendo 84% do sexo feminino e 16% do sexo masculino, com média de idade de 49 anos, matriculados há pelo menos 6 meses. Foi elaborado um questionário auto administrável composto por 17 questões fechadas e 7 abertas, destinado à caracterização da amostra e dos motivos de adesão e permanência no programa. Com este estudo foi possível concluir que os principais motivos de adesão que os levaram a participar do programa, foram à busca por novos conhecimentos, socialização e a troca de experiências de vida. Com relação ao motivo de permanência no programa, foi atribuída a satisfação dos alunos com as disciplinas, com as instalações e com o corpo docente do programa.

Ordonez e Cachioni (2011) buscaram levantar dados sociodemográficos dos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade da EACH-USP e caracterizar os motivos relatados pelos idosos sobre freqüentar o programa. A pesquisa foi realizada com 140 idosos com idade média de 64,57 anos, com maioria do sexo feminino e a coleta deu-se por meio de um questionário sócio-demográfico e uma escala para verificação dos motivos por ordem e grau de satisfação que representava. Como resultados, foi possível concluir que os principais motivos para frequentar o programa foram aumentar conhecimentos, seguido de aperfeiçoamento pessoal.

Cuenca (2011) em seu trabalho realizou uma investigação avaliativa, dentro da metodologia de avaliação de programas sobre os diferentes aspectos de um Programa Universitário da Maturidade em seu primeiro ano de implantação. Avaliou suas atividades e conteúdos, e também os principais agentes envolvidos, como os coordenadores, professores e alunos. O objetivo deste estudo foi refletir sobre a possibilidade de aprendizagem de um grupo de alunos idosos atendendo aos seus interesses, necessidades e expectativas, alcançando

um nível aceitável de satisfação. Utilizou um questionário com perguntas abertas e fechadas como instrumento de coleta. Nesse estudo, foi possível constatar que a motivação impulsiona as possibilidades de aprendizado em pessoas idosas, principalmente nos idosos acima de 70 anos que disseram que o interesse em participar do Programa é pela vontade de aprender mais, confirmando a teoria de que o indivíduo continua se desenvolvendo nas diferentes etapas de sua vida, e que a aprendizagem é inerente ao desenvolvimento humano. Os idosos demandaram conteúdos interessantes, compreensíveis, que ampliem seu conhecimento e atinjam suas expectativas, além de serem úteis na vida cotidiana. Sobre a metodologia empregada, os alunos manifestaram seu interesse por trabalhar em grupos e com atividades que ajudem a fixar conhecimentos e provoquem mudanças satisfatórias em sua vida pessoal e social. E por último, pode-se observar que o aumento da satisfação pessoal com a aprendizagem motiva o idoso a continuar aprendendo e se desenvolvendo cada vez mais.

Cachioni et al. (2014) tinham como objetivo descrever os motivos declarados por participantes de um Programa de Universidade Aberta a Terceira Idade, identificando correlações entre motivos declarados e dados sociodemográficos, e encontrar um conjunto de indicadores relacionados com os motivos listados. 306 adultos e idosos com idade de 50 anos ou mais responderam a um questionário sociodemográfico e a 5 perguntas sobre os motivos de se inscrever no Programa. Os resultados indicaram que os fatores em ordem de importância foram: melhorar conhecimentos gerais, investir em desenvolvimento pessoal, aumentar relações sociais, aprender mais para ajudar outras pessoas e ocupar o tempo livre. Conclui-se que os participantes procuram o programa para satisfazer o desejo de aprender mais, se aperfeiçoar, estar atualizado, exercitar seus direitos como cidadãos e desempenhar um papel ativo na sociedade.

Medeiros e Wolff (2011) em seu estudo propuseram refletir sobre o significado do aprendizado da informática para um grupo de idosos participantes de um programa social de

uma universidade, situada na região metropolitana de Porto Alegre, chamado PRÓ-MAIOR. Utilizando-se de uma metodologia qualitativo-dialógica, 12^a alunos responderam a uma entrevista semiestruturada, e após a análise de conteúdo e baseado em um referencial teórico com abordagem psicossocial foi possível constatar que o curso representa a necessidade de exercitar a autonomia pessoal com a utilização do computador e que o fato dos idosos trabalharem em grupos permite uma maior compreensão e aceitação do processo de envelhecimento humano.

2.4.2 Percepção sobre a velhice

Nos trabalhos sobre a percepção do envelhecimento por idosos que freqüentam a Universidade Aberta da Terceira Idade, pode-se citar o estudo de Dátilo e Marin (2015) que trabalharam em um estudo qualitativo com análise na perspectiva hermenêutica dialética com o intuito de compreender a percepção sobre o envelhecimento por idosos que freqüentam a UnATI da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília. Utilizaram um roteiro com dados sociodemográficos e uma questão aberta sobre o significado do envelhecimento. Participaram 25 idosos e constatou-se que a maioria era do sexo feminino na faixa etária dos 60 a 69 anos, e ainda que 40% possuíam formação de nível superior. A conclusão foi de que as percepções desses idosos sobre o envelhecimento mesmo com as perdas se evidenciando, conseguem manter-se ativos, participativos e em pleno processo de avanço de conhecimento e interação social, considerando suas fragilidades e vulnerabilidades nesse período da vida.

Silva, Cachioni e Lopes (2012) realizaram um estudo etnográfico, com o objetivo de levantar as percepções de idosos participantes de uma oficina na UnATI EACH-USP, a respeito das imagens e aparência de idosos encontradas na internet e os efeitos na percepção de si. Os cinco idosos participantes da oficina: *Velhice e aparências: imagens de velhos na internet*, dentre eles, um homem e quatro mulheres na faixa etária a partir de 60 anos foram os

participantes da pesquisa. Foram realizadas cinco técnicas etnográficas: observação livre e participante, entrevistas, grupo focal, registro fotográfico e registro áudio visual. Os dados foram coletados durante os 14 encontros da oficina. A categoria de análise encontrada foi exaltação da juventude versus negação da velhice. Foi possível concluir que a percepção de imagens dicotômicas, que não correspondem a realidade, gerou crise de identidade nos participantes.

Oliveira e Simoneau (2012) realizaram um estudo com o objetivo de conhecer, analisar e comparar as representações sociais construídas por pessoas idosas que participaram de duas universidades latino-americanas, sendo uma da Costa Rica (PIAM-UCR) e outra no Brasil (UnATI-UERJ), sobre os programas universitários para a terceira idade. Participaram desta pesquisa 14 idosos, sendo 7 de cada universidade, com faixa etária igual ou superior a 60 anos, matriculados nos programas. Foi utilizado o referencial teórico-metodológico da Teoria das Representações Sociais, com a técnica de entrevista em profundidade. Foi possível concluir que há um posicionamento positivo na representação da UnATI como um lugar para compartilhar com pessoas da mesma idade num espaço de relacionamento social próprio, e como um espaço para adquirir e renovar conhecimentos na velhice.

Costa e Campos (2009) utilizaram-se da metodologia da Psicologia Societal e da Teoria das Representações Sociais, realizaram entrevistas semi-estruturadas com idosos freqüentadores de três instituições com o objetivo de contribuir para discussão em torno das questões sobre o envelhecimento, a partir de uma abordagem psicossocial, buscando a compreensão das transformações que estão ocorrendo na construção da velhice. A entrevista foi estruturada em 10 eixos temáticos, sendo eles: o significado da velhice, a importância da família, discriminação, o trabalho e a aposentadoria, as atividades, saúde e doença, relacionamentos, religião, lazer e direitos sociais. Foi constatada a existência de um campo comum das representações sociais estruturados em torno da concepção de que velhice é

sinônimo de declínio e morte. Porém os resultados mostraram diferenças entre os grupos sociais. Os idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade relacionaram o envelhecimento com as perdas orgânicas, os idosos do Clube da Terceira Idade ressaltaram a importância das conquistas dos direitos sociais e os idosos do Centro de Convivência enfatizaram a questão dos direitos sociais e o envelhecimento orgânico.

2.4.3 *Qualidade de vida*

Com o objetivo de medir os impactos da participação nas UnATIs na qualidade de vida dos idosos, foram selecionados o estudo de Castro et al. (2007) que fizeram um estudo com o objetivo de avaliar a influência dos programas da UnATI– Fundação Educacional de São Carlos (UATI-FESC) e do Projeto de Revitalização Geriátrica (REVT) sobre a qualidade de vida de adultos de meia-idade e idosos do município de São Carlos/SP. Os participantes responderam questionários de qualidade de vida, com indicadores medidos por meio da aplicação “*Short-Form 36 – Medical Outcomes Study*” (SF36) e do questionário da Organização Mundial da Saúde para qualidade de vida (*WHOQOL-bref*). Os resultados alcançados foram que ambos os grupos apresentaram melhora significativa do nível de qualidade de vida de acordo com o resultado geral do *WHOQOL-bref* e também nos domínios psicológico, meio ambiente e questões iniciais: “Como você avaliaria sua qualidade de vida?” e “Quão satisfeito (a) você está com a sua saúde?” do *WHOQOL-bref*. Também houve melhora significativa do domínio Estado Geral de Saúde do SF36. Com esses resultados foi possível concluir que os programas contribuíram para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos segundo os indicadores já citados anteriormente.

Dawalibi, Goulart e Prearo (2014) realizaram um estudo transversal, de natureza quantitativa, descritivo-exploratório, do qual participaram 182 idosos de ambos os sexos e com 60 anos ou mais, matriculados em programas para a terceira idade de três universidades localizadas nos municípios de São Paulo, São Caetano e Mogi das Cruzes. O objetivo foi

analisar a influência de possíveis fatores intervenientes sobre a qualidade de vida de idosos. Foi utilizado o *WHOQOL-Bref* para avaliar a percepção subjetiva da qualidade de vida e foi realizada a análise de regressão linear múltipla entre as variáveis dependentes e independentes. Concluiu-se que a ausência de doenças influenciou positivamente a qualidade de vida nos quatro domínios avaliados. No domínio ambiental, ensino superior completo, idade avançada, ausência de doenças e residência em São Caetano do Sul influenciaram positivamente a qualidade de vida dos idosos estudados. Os fatores associados à melhor qualidade de vida foram: ensino superior completo, idade avançada, ausência de doenças e residência em São Caetano do Sul, nessa ordem de importância.

Baldin e Magnabosco-Martins (2015) escreveram um artigo apresentando a sua experiência na participação em oficinas de teatro e eventos promovidos na UnATI da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO – Iraty) durante o período de dois anos e meio. O objetivo era criar novas formas de pensar a velhice, direcionado o olhar para a educação, por meio das oficinas de teatro e apresentações artísticas para com os alunos, em que resultou na criação e apresentação de um esquete teatral pelas participantes da oficina. O resultado foi considerado positivo, uma vez que permitiram que as participantes visualizassem sua criação e ficassem satisfeitas com os resultados, reafirmando suas potencialidades, e que vem ao encontro de vários autores que apontam para a necessidade de romper com a imagem de uma velhice inativa quando ela é vivida em grupos de convivência. Conclui-se que projetos deste modelo podem ser uma alternativa interessante para manutenção da qualidade de vida da população idosa.

Alves e Lopes (2008) em seu trabalho fizeram um panorama da situação dos idosos no contexto brasileiro, abordaram sobre o surgimento das UnATIs e descreveram dois exemplos significativos, como a UnATI/UERJ e a UnATI/Universidade Católica de Brasília (UCB), discutiram sobre a doença de Alzheimer e após, debateram sobre como as UnATIs e a

educação à distância podem contribuir nesse processo de melhora da condição de vida, já que o exercício da memória por meio desse tipo de educação pode auxiliar na diminuição dos efeitos das doenças relacionadas à memória, como a doença de Alzheimer, provocando maior qualidade de vida e resgate do sentido da vida para essas pessoas.

Zielinska-Wieczkowska, Muszalik e Kedziora-Kornatowska (2012) tiveram como objetivo em seu estudo avaliar o envelhecimento e a qualidade de vida de indivíduos idosos e pessoas que entram em cursos de educação continuada. A pesquisa foi realizada com 255 alunos, entre eles, 235 mulheres e 20 homens com a média de idade de 64,43 anos de uma UnATI em Bydgoszcz, na Polônia. Eles responderam a um questionário com 24 questões elaboradas pelos pesquisadores e dados sociodemográficos. Os resultados obtidos foram que a maioria enxerga positivamente a experiência de sua velhice. Observou-se correlação positiva entre a afirmação de que os seres humanos influenciam a qualidade e a forma de suas próprias vidas, e que cada um é responsável por sua própria. O nível de satisfação e felicidade em relação a sua vida se deu a medida que os objetivos eram cumpridos e os valores mais apreciados na vida foram saúde, felicidade na família e saúde mental, já em relação as maiores preocupações foram as doenças graves e a dependência de outras pessoas. Todos os indicadores apontaram que um caminho para a felicidade na velhice é ser ativo e aberto para outras pessoas mostrando uma atitude otimista.

Saturnino, Barboni e Silva (2010) realizaram uma pesquisa descritiva de caráter documental com o objetivo de verificar a eficácia da intervenção com atividades físicas para o grupo populacional idoso que freqüenta a UnATI de Feira de Santana (UEFS) na Bahia no período de 2007 – 2008, examinando os projetos e oficinas de atividades físicas da referida universidade. Com base nos dados levantados foi possível perceber que a UnATI possibilita aos estudantes um amplo espaço de aplicação dos conhecimentos e os benefícios previstos nos documentos analisados se reportam em grande parte à socialização dos idosos, apesar de não

terem ênfase em benefícios fisiológicos. Assim, conclui-se que as intervenções priorizam a socialização em detrimento dos problemas biológicos e de saúde decorrentes do envelhecimento, dessa forma uma revisão didático-pedagógica e técnica foi descrita como necessária para que as intervenções sejam orientadas também na área da saúde.

Ordonez, Lima-Silva e Cachioni (2011) realizaram um estudo que visava caracterizar o grau de satisfação geral com a vida e o grau de satisfação referenciada a quatro domínios: saúde, capacidade física, capacidade mental e envolvimento social; conhecer as características dos autorrelatos dos inscritos no programa em relação ao próprio bem-estar psicológico, focando as dimensões: autonomia, crescimento pessoal, domínio, relações positivas com os outros, propósito, autoaceitação e geratividade; analisar a influência do tempo no nível de bem-estar de 140 idosos freqüentadores de uma UnATI. Utilizaram-se da Escala de Satisfação Geral com a Vida, Desenvolvimento Pessoal e o teste Mann-Whitney para a comparação. Os resultados mostraram que os idosos que participavam da UnATI há seis meses ou mais demonstraram mais efeitos positivos em comparação aos idosos que entraram recentemente, e dessa forma a educação permanente traz um bem-estar e um envelhecimento bem-sucedido para esses idosos.

Marconcin, Alves, Dias e Fonseca (2010) em seu estudo, procuraram investigar o nível da prática desportiva e o bem-estar subjetivo de idosos, participantes de atividades desportivas de três universidades seniores localizadas na cidade do Porto: Universidade Senior Contemporânea do Porto, Universidade Senior da Soz e Universidade Autodidata da Terceira Idade do Porto. Participaram do estudo 68 idosos, entre eles 49 mulheres e 19 homens compreendidos entre a faixa etária de 50 e 85 anos, com média de 69 anos. Foram aplicados os questionários da Escala de Satisfação com a Vida e Panas (Positive and negative Affect Schedule). Os resultados apontaram que 76% praticavam esportes, as médias mais altas de satisfação com a vida foram de homens que viviam com os cônjuges, e as mulheres

apresentaram as maiores médias nos afetos, tanto positivos quanto negativos. Dessa forma, pode-se concluir que a prática de esportes parece um fator decisivo para ao bem-estar subjetivo dos idosos da presente amostra.

Oliveira e Scortegagna (2015) realizaram uma pesquisa qualitativa com o objetivo de refletir sobre a educação como uma possibilidade de empoderar os idosos, identificar a UnATIs como espaços de educação não formal e de intervenção da pedagogia social voltada a terceira idade. A partir de uma vasta revisão bibliográfica com autores que trabalham essa temática foi possível concluir que a educação para idosos deve possibilitar a inserção social, o reconhecimento de papéis sociais, atualização de conhecimentos, valorização e elevação da auto estima, qualidade de vida, dignidade e cidadania.

Zielinska-Wieczkowska, Ciernoczolowski, Kedziora-Kornatowska e Muszalik (2012) investigaram em sua pesquisa 257 alunos de uma Universidade da Terceira Idade da Polônia, sendo 237 mulheres e 20 homens com a média de idade de 64,54 para determinar a conexão entre os níveis de senso de coerência com os níveis de satisfação pela vida entre os estudantes. Os mesmos responderam a questionários padronizados como the Scale SOC-29, WHOQOL-Bref e Geriatric Depression Scale. Foi possível concluir que o senso de coerência é um fator determinante para a satisfação na vida de idosos participantes da UnATI, no domínio mental, nas relações sociais e domínio ambiental. Participar de um programa de educação continuada tem como objetivo fortificar o senso de coerência durante o processo de envelhecimento.

2.4.4 Depressão

Com relação à temática sobre prevalência de depressão em idosos participantes das UnATIs, destaca-se a pesquisa de Irigaray e Schneider (2007), que investigaram a intensidade e prevalência de sintomatologia depressiva em 103 idosas participantes da UNITI da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, verificando se o tempo de participação ajuda na

melhora do humor e as características dos participantes antes e depois de ingressarem. Os métodos utilizados foram a Escala de Depressão Geriátrica e uma ficha de dados sociodemográficos que investigava o tempo de participação e sua relação com os sintomas da depressão. Os resultados apontaram que não havia indícios de depressão na amostra estudada e que as participantes apresentaram melhoras no humor e nas áreas pessoal, intelectual, afetiva e social após participarem, dessa forma, este estudo sugere que a participação em uma universidade da terceira idade traz benefícios aos idosos.

Batistoni et al. (2011) examinaram a prevalência de sintomas depressivos entre idosos participantes da UnATI da EACH-USP. Os 184 participantes responderam um questionário sócio-demográfico e a Escala de Depressão Geriátrica. A conclusão foi de que o tempo de participação superior a um semestre letivo foi associado com menor sintomatologia depressiva, dessa forma, a participação em uma UnATI foi um possível fator contra a depressão.

Oliveira et al. (2012) realizaram uma pesquisa prospectiva com 256 idosos freqüentadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade com média de 67 anos para examinar os indicadores psicométricos de validade e confiabilidade do Questionário de Expressão Emocional (QEE) e suas relações e variáveis sociodemográficas, de experiência emocional e de presença de sintomas depressivos quando aplicado a idosos brasileiros. Por meio das entrevistas e escala de depressão geriátrica, foi possível concluir que o instrumento revelou bons indicadores psicométricos e seus correlatos sociodemográficos e afetivos sugeriram a manutenção do funcionamento emocional da velhice. Dessa forma, constatou-se que os afetos positivos são mais vivenciados e expressos na velhice e que haveria uma possível diminuição nos afetos negativos.

Leite, Carvalho, Barreto e Falcão (2006) realizaram um estudo epidemiológico, descritivo e transversal com 358 idosos de um Programa Universidade Aberta à Terceira

Idade, da Universidade Federal de Pernambuco, com o intuito de identificar a presença de depressão entre eles. Eles responderam a um questionário “Brasil Old Age Schedule” (BOAS) para verificar a freqüência das variáveis solidão, tristeza, pouca disposição, pessimismo em relação ao futuro, irritação, auto-acusação, idéias suicidas, dor de cabeça, insatisfação, distúrbios de sono e do apetite. Encontrou-se um grande percentual de idosos com depressão (24%) e pode ser associada entre baixa escolaridade e depressão. Concluiu-se que a presença de depressão aponta para a importância do planejamento por parte do programa, de ações direcionadas a saúde de seus participantes, em particular, os transtornos mentais relativos à depressão.

2.4.5 Redes de suporte social

Além desses estudos, foram investigadas as temáticas sobre redes de suporte social em idosos participantes de um Programa para Terceira Idade na pesquisa de Carneiro e Falcone (2013), cuja pesquisa experimental tinha como objetivo avaliar se o desenvolvimento de habilidades sociais em pessoas da terceira idade poderia aumentar o repertório de habilidades sociais e a satisfação com a vida. Foram selecionados 40 alunos de uma Universidade da Maturidade para participarem de um Programa de Habilidades Sociais para Idosos (PHSI) por meio da Escala de Depressão em Geriatria-15 e do Mini Exame do Estado Mental, após foram divididos em dois grupos para responderem a sete situações sociais descritas em jogos de papéis, e para avaliação da satisfação da vida, os idosos responderam um questionário com 12 perguntas associados a estado de humor (solidão, tristeza ou felicidade) e atitudes de satisfação ou insatisfação com a própria vida na velhice. As habilidades sociais foram medidas antes e depois da intervenção, que durou 14 encontros de aproximadamente uma hora e meia de duração cada. Como resultados, concluíram que o PHSI mostrou mudanças positivas entre os participantes, com o desenvolvimento de habilidades como a empatia e a assertividade. Os estudantes sugeriram que o Programa foi eficaz em aumentar a capacidade

dos idosos em ouvir e compreender as perspectivas e sentimentos dos outros e também como dizer não a pessoas quando não queria algo, melhorando assim sua satisfação com a vida. Neste estudo foi possível observar a importância das relações sociais na velhice, pois apesar de nessa fase já terem sido aprendidas muitas habilidades indispensáveis ao bom convívio, o contato social representa uma fonte potencial de segurança, de amor, de sentido de pertencimento, de parâmetro para avaliação de seus próprios comportamentos, sentimentos e aprendizagens (Erbolato, 2006).

Domingues et al. (2013) descreveram em seu estudo sobre a rede de suporte social dos idosos inscritos no programa da UnATI da EACH-USP. Foram selecionados 117 idosos, dentre eles, 78% mulheres, 53% casados, 82% aposentados com idade aproximada de 65,32 anos. Os métodos utilizados foram um questionário sociodemográfico do instrumento chamado Map of Minimum Relationship para idosos. Os dados foram inseridos no software Epidata versão 3.1 e analisados pelo software SPSS versão 17.0 de análise quantitativa. A maioria dos participantes tinham redes de apoio de médio porte, caracterizados por pessoas que poderiam ajudá-los durante todo o ano com atividades listadas (visitas, ajuda nas tarefas domésticas, cuidados pessoais, entre outros). Quando o exemplo foi estratificado por idade, verificou-se que quanto mais velhos, menos interações sociais. Os resultados apontam que as redes de relações sociais encolhem ao longo do processo de envelhecimento, apesar de algumas variáveis como renda e estado civil, contribuindo para a continuação ou o seu declínio.

2.4.6 Perfil do estilo de vida

Encontrou-se ainda estudos sobre o perfil do estilo de vida dos idosos de uma Universidade Aberta pelos autores Campos, Boscatto e Mineiro (2015) que procuraram identificar o perfil do estilo de vida de 31 idosos, na faixa etária de 69 anos, freqüentadores da Universidade Aberta da Maior Idade (UAMI) da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe

(UNIARP), campus de Caçador/SC. O método escolhido para esta pesquisa foi um questionário de Perfil do Estilo de Vida individual que inclui cinco aspectos fundamentais do estilo de vida: nutrição, atividade física, comportamento preventivo, relacionamento social e controle do estresse. Foi possível concluir que os idosos participantes da UAMI em sua maioria apresentam bons comportamentos no seu dia-a-dia nos aspectos já citados, se enquadrando dentro dos critérios sugeridos pela literatura para uma vida saudável.

2.4.7 Manutenção do desempenho cognitivo

Kissaki et al. (2012) investigaram se a participação de idosos em uma UnATI pode contribuir para a manutenção do desempenho cognitivo. Participaram da pesquisa 180 idosos no início do primeiro ou do segundo semestre e após 6 meses de participação, eles responderam a questionários sociodemográficos, a Escala de Depressão Geriátrica, ao Mini-Exame do Estado Mental, a Fluência Verbal categoria animais, ao Short Cognitive Test e o tempo de participação na UnATI EACH-USP. Os resultados do pré-teste mostraram dados prévios sobre o impacto da escolaridade, idade e renda no desempenho cognitivo. Os dados de evolução indicaram que os idosos apresentaram melhor desempenho em tarefa de memória episódica no pós-teste. Assim, pode-se concluir que a participação na UnATI pode favorecer a manutenção das habilidades cognitivas no idoso.

Gázquez, Pérez-Fuentes e Carrión (2010) analisaram dois grupos de idosos, um grupo que freqüenta a Universidad de Mayores e outro que não frequenta para comparar se há diferenças entre os níveis relacionados a memória cotidiana (espacial, lingüística, seqüencial e de coisas) de ambos. Por meio de questionários de memória cotidiana e um teste de desenho de relógio foi possível concluir que idosos que freqüentam o Programa da Universidad de Mayores obtiveram menores pontuações, o que indica um melhor desempenho na memória lingüística, seqüencial e de coisas.

Casemiro et al. (2016) realizaram um ensaio clínico aberto controlado com lista de

espera no qual participaram 15 idosos no grupo de intervenção e 16 no grupo controle com avaliações pré e pós-intervenção. O objetivo foi avaliar a efetividade de uma oficina Gerontológica de Estimulação Cognitiva no desempenho cognitivo, funcional e nos sintomas de humor e de senescentes participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade – Fundação Educacional de São Carlos (UATI-FESC). Foram realizadas entrevistas com os participantes e aplicado um protocolo de avaliação constituído por questionário do perfil sociodemográfico. Além deste, foram aplicados: Span de Dígitos, Addenbrooke's Cognitive Examination-Revised, Inventário de Ansiedade e de Depressão de Beck e Medida da Independência Funcional. Os resultados apontaram que o programa de Estimulação Cognitiva tem efeito benéfico sobre os sintomas de humor em adultos e idosos que freqüentam a UATI.

2.4.8 Avaliação de programas

Binotto, Milistetd, Bernedetti e Almeida (2015) realizaram um estudo com o objetivo de avaliar o programa Universidade Aberta para a Terceira Idade do município de Irati/PR por meio do modelo RE-AIM. Este modelo utiliza-se de cinco dimensões: alcance, eficácia/efetividade, adoção, implementação e manutenção para avaliar o efeito de programas de intervenção em ambientes construídos. Ele foi devidamente traduzido e adaptado para a realidade brasileira. Por meio de análises de informações obtidas por vídeo, relatórios e documentos institucionais foi possível concluir que apesar do programa ser antigo, possui adoção e alcance baixos, não possui instrumentos que avaliem a sua efetividade, apresenta um custo para sua participação e não há participação de docentes de diferentes áreas. Conclui-se que os programas de Universidades Abertas a Maturidade são uma estratégia relevante para promover melhorias no processo de envelhecimento, porém é imprescindível que avaliações constantes e ações conjuntas de extensão, ensino e pesquisa sejam realizadas para garantir a condução de programas com objetivos sustentados metodológica e científicamente.

No estudo de Lucas-Molina, Pérez-Albéniz, Fonseca-Pedrero e Ortúñoz-Sierra (2015)

eles utilizaram três grupos, sendo um grupo experimental e dois grupos de controle, com o objetivo de conhecer em qual medida a percepção do apoio social, assim como a saúde mental é melhorada nos alunos que participam de um programa educativo de Universidad de la Experiencia. Os participantes responderam ao Questionário de Saude Geral, a Escala Multidimensional de Apoio Social Percebido e a Escala de The Medical Outcomes Study-Social Support Survey. A hipótese inicial era de que os alunos que freqüentavam o programa poderiam mostrar melhoras significativas na autopercepção de quantidade e qualidade de apoio social, assim como de saúde mental, porém não foram encontrados esses resultados. Conclui-se que é necessário continuar aprofundando nessa linha de atuação e explorar os efeitos de variáveis socioafetivas em estudos longitudinais.

Tabela 1 - Artigos separados por categorias.

Categoría	Titulo	Autor	Periódico	Mês/Ano/V/P
Motivação	Motivos de adesão e de permanência ao programa da Universidade Aberta a Maturidade do CEFID/UDESC	Fernandes, Guimarães, Simas, Machado e Soares	Estud. Interdiscipl. Envelhec., Porto Alegre	v.16, n.1, p.97-110, 2011
	Motivos para freqüentar um programa de educação permanente: relato dos alunos da universidade aberta à terceira idade da EACH-USP	Ordonez e Cachioni	Ver. Bras. Geriatr., Gerontol, Rio de Janeiro	14(3), p. 461-474, 2011
	Motivación hacia El aprendizaje en las personas mayores más Allá de los resultados e el rendimiento académico	Cuenca	Revista de Psicología y Educación	Num.6, p.239-254, 2011
	Motivational Factors and Predictors for attending a Continuing Education	Cachioni, Ordonez, Silva, Bastistoni,	Educational Gerontology	Num. 40, p. 584-596, 2014

	Program for Older Adults	Yassuda, Melo, Domingues e Lopes		
	Velhice e contemporaneidade: reflexes psicossociais sobre o aprendizado de informática em um grupo de idosos	Medeiros e Wolff	Estud. Interdiscipl. Envelhec.	V. 16, edição especial, p.49-459.
Percepção sobre a velhice	O envelhecimento na percepção de idosos que freqüentam uma universidade aberta da terceira idade.	Datilo e Marin	Estud. Interdiscipl. Envelhec., Porto Alegre	V.20, n.2, p. 597-609, 2015
	Velhice, Imagem e Aparência: a experiência de idosos da UnATI EACH-USP	Silva, Cachioni e Lopes	Revista Temática Kairós Gerontologia, São Paulo	15(7), p.235-257, Online ISSN 2176-901X, 2012
	Os Programas universitários para pessoas idosas (UnATIs): um estudo de representação social	Oliveira e Simoneau	Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro	V.12, n.2, p.446-462, 2012
	Representação Social da Velhice, Exclusão e Práticas Institucionais	Costa e Campos	Revista Eletrônica Psicologia e Políticas Públicas	V.1, n.1, 2009
Qualidade de vida	Influência da universidade aberta da terceira idade (UATI) e do programa de revitalização (REVT) sobre a qualidade de vida de adultos de meia-idade e idosos	Castro, Tahara, Rebelatto Jr, Driusso, Aveiro e Oishi	Rev. Bras. Fisioter., São Carlos	V.11, n.6, p.461-467, 2007.
	Fatores relacionados à qualidade de vida de idosos em programas para a	Dawalibi, Goulart e Prearo	Ciência & Saúde Coletiva	V.19, n.8, p.3303-3312, 2014

terceira idade

Oficinas artísticas na Universidade Aberta para a Terceira Idade: Contribuições para a qualidade de vida de idosos.	Baldin e Magnabosco -Martins.	Revista Conexão UEPG, Ponta Grossa	V.11, n.1, jan/abr 2015.
Idosos, Inserção Social e Envelhecimento Saudável no Contexto da Educação a Distância nas UnATIS: Um Relato de Experiência .	Alves e Lopes	Pesquisas e Práticas Psicosociais , São João Del-Rei	V.3, n.1, 2008
The analysis of aging and elderly age quality in empirical research: Data based on University of the Third Age (U3A) Students.	Zielinska-Wieczkowska, Muszalik e Kedziora-Kornatowska	Archives of Gerontology and Geriatrics, Poland	V.55, p.195-199, 2012
Oficinas de atividade física oferecidas pela UnATI da Univ. Est. De Feira de Santana (2008-2008): uma análise crítica	Saturnino, Barboni e Silva	RBCEH, Passo Fundo	V.7, n.3, p.445-459, set/dez 2010
Subjective and psychological well-being of students of a University of the Third Age	Ordonez , Lima-Silva e Cachioni	Dement Neuropsychol	V.5, n.3, p.216-225, Sept 2011
Bem-estar subjetivo e a prática de atividade desportiva em idosos alunos de universidades seniores do Porto.	Marconcin, Alves, Dias e Fonseca	RBCEH, Passo Fundo	V.7, n.3, p.335-345, set/dez 2010
Universidad Abierta a las personas adultas mayores: espacio de pedagogía social, educación y	Oliveira e Scortegagna	Revista electronica “Actualidad es Investigativ	V.15, n.3, año 2015.

	empoderamiento		as en Educación”	
	The sense of coherence (SOC) as an important determinant of life satisfaction, based on own research, and exemplified by the students of University of the Third Age (U3A)	Zielinska-Wieczkowska, Ciemnoczolowska, Kedziora-Kornatowska e Muszalik	Archives of Gerontology and Geriatrics	V.54, p. 238-241, 2012.
Depressão	Prevalência de depressão em idosas participantes da Universidade para a Terceira Idade	Irigaray e Schneider	Ver. Psiquiatr, RS	V.27, n.1, p.19-27, 2007.
	Depressive symptoms in elderly participants of an open university for elderly	Batistoni, Ordóñez, Sáila, Nascimento, Kissaki e Cachioni	Dement Neuropsychol	V.5, n.2, p.85-92, 2011
	Questionário de Expressão Emocional aplicado a idosos: indicadores psicométricos e relações com variáveis sociodemográficas e afetivas	Oliveira, Batistoni, Melo, Yassuda, Domingues, Lopes e Cachioni	Revista Temática Kairós Gerontologia	V.15, n.7, p.89-106, Online dez 2012.
	Depressão e envelhecimento: estudo nos participantes do Programa Universidade Aberta à Maturidade	Leite, Carvalho, Barreto e Falcão	Ver. Bras. Saúde Mater. Infatil	V.6, n. 1, p.31-38, jan/mar 2006.
Rede de suporte social	O desenvolvimento das habilidades sociais em idosos e sua relação na satisfação com a vida	Carneiro e Falcone	Estudos de Psicologia	V.18, n.3, p. 517-526, julho/setembro 2013

	Social Support Network for the Elderly Attending the Open University Program for Senior Citizen at the School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, Brazil	Domingues, Ordóñez, Lima-Silva, Barros e Cachioni	Educational Gerontology	V.39, p.209-221, 2013
Perfil do estilo de vida	Perfil do estilo de vida dos idosos da universidade aberta da maior idade – UAMI da cidade de Caçador – SC	Campos, Boscatto e Mineiro	Revista Bras. de Prescrição e Fisiologia do Exercício, São Paulo	V.9, n.53, p.315-320, Maio/Jan 2015
Manutenção do desempenho cognitivo	O impacto da participação em Universidade Aberta à Terceira Idade no desempenho cognitivo.	Kissaki et al.	Revista Kairós Gerontologa, São Paulo	V.15, n.7, p.71-87. Online ISSN 2176-901 X, 2012
	Análisis de la memoria cotidiana em alumnos del programa Universitario para Mayores em Almería.	Gázquez, Pérez-Fuentes e Carrión	European Journal of Education and Psychology	V.3, n.1, p.155-165, 2010.
	Impacto da estimulação cognitiva sobre depressão, ansiedade, cognição e capacidade funcional em adultos e idosos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade	Casemiro, Rodrigues, Dias, Alves, Inauye e Gratão.	Ver.Bras.Geriatraria e Gerontologia	V.19, n.4, p. 683-694, 2016.
Avaliação de programas	Programa Universidade Aberta para a Terceira Idade: avaliação do programa por meio do modelo RE-AIM	Binotto, Milistetd, Benedetti e Almeida	Ver. Bras. Ativ. Fís. & Saúde	V.20, n.3, p.309-320, Mai 2015.

Programas educativos Universitarios para Mayores: Evaluación de su Impacto en la Autopercepción del apoyo Social y la salud Mental	Lucas- Molina, Pérez- Albéniz, Fonseca- Pedrero e Ortúño- Sierra	Revista Colombiana de Psicología	V.24, n.1, p.47-80 jan/jun 2015.
--	--	----------------------------------	----------------------------------

2.5 Visão dos idosos sobre participação nas UnATIs – avaliação participativa

De acordo com Carvalho (1999), originalmente o conceito de avaliação de programas era de um procedimento que buscava somente a objetividade dos resultados em indicadores quantitativos, sem considerar as variáveis contextuais, processuais e a opinião dos agentes envolvidos, limitando seus resultados. Segundo o mesmo autor, é neste contexto que a avaliação participativa ganha destaque, pois a objetividade pretendida é obtida por meio de debates e triangulação entre gestores, comunidade mais próxima e especialistas. Dessa forma, a experiência tem revelado resultados com maior confiabilidade e legitimidade, já que sua avaliação é reflexiva e socializada entre os agentes e beneficiários envolvidos na ação, o que garante uma maior densidade na avaliação, pois as falhas ou procedimentos inadequados podem ser detectados e corrigidos mais facilmente. Os autores Gasparini e Furtado (2014) concordam com essa afirmação ao descreverem que a combinação dos diferentes atores no esforço de produzir conhecimento que sirva para a correção e o redirecionamento das ações de determinado programa ou serviço torna-se relevante para a produção de conhecimento que melhore o próprio desempenho dos programas, já que incorpora diferentes pontos de vista e se respalda em experiências diversas, conduzindo a uma avaliação mais democrática.

No entanto, para que a avaliação seja eficaz, o avaliador precisa ter a capacidade empática de envolver os implicados na ação, além de disponibilizar informações, análises e novos interlocutores que ampliem o debate, por esse motivo, não dispensa o uso dos

tradicionalis instrumentos como: definição de indicadores, aplicação de questionários, realização de entrevistas, observação participante, oportunizando aos envolvidos um processo de troca de informações e reflexão, promovendo a democratização do conhecimento e a transparência da ação. Caso a avaliação participativa não seja suficiente, ela pode ser complementada com outros tipos de abordagens avaliativas (Carvalho, 1999).

Para Rios (1999), o objetivo de uma avaliação participativa é que os indivíduos possam fazer parte do processo, e não apenas ser parte. Ressalta que a sociedade é composta por indivíduos que fazem sua própria história, por implicar intencionalidade, escolha, definição de caminhos e responsabilidade. Uma maneira de se chegar aos resultados apropriadamente é envolver os usuários da política e/ou programa no processo da avaliação (Finkler e Dell'Aglio, 2013).

Bosi e Uchimura (2010) definem a avaliação qualitativa como um processo que necessita reconhecer e valorizar a centralidade dos processos simbólicos, as práticas discursivas e as percepções dos atores envolvidos, ao invés de se restringir a meros instrumentos estruturados.

É neste contexto que o presente estudo teve como proposta analisar por meio das entrevistas com os participantes de uma UnATI os significados para sua vida, pois como afirmam Bosi e Uchimura (2010), as práticas discursivas envolvidas na análise das entrevistas com os participantes da pesquisa focalizam a produção e veiculação de sentidos do cotidiano, provocando efeitos como construções, manutenções e mudanças que perpassam as relações sociais. A linguagem é vista como uma prática que constitui a fronteira de articulação entre as pessoas, numa perspectiva construcionista, cujo tema é de estudo da psicologia (Méllo, Silva, Di Paolo, 2007).

3 Método

3.1 Perspectiva teórico metodológica: o construcionismo social

Os procedimentos metodológicos utilizados nesse estudo são orientados pelos fundamentos teóricos do construcionismo social, que segundo Gergen e Gergen (2010) pressupõe a criação de sentido por meio das atividades colaborativas entre diferentes indivíduos e comunidades. Portanto a construção social não é de responsabilidade de apenas um indivíduo ou grupo, mas sim de um significativo compartilhado em diferentes comunidades.

De acordo com Rasera e Japur (2005), o surgimento do construcionismo social na Psicologia teve seu início com a publicação do artigo de Kenneth Gergen “Social psychology as history” em 1973. Porém, o próprio autor se questiona sobre esse fato, pois argumenta que o construcionismo social veio como um movimento de uma concepção alternativa ao pressuposto do conhecimento como posse do indivíduo e foi pautado por três críticas ao fazer científico: a crítica social, a ideológica e a retórico-literária. A crítica social surgiu com autores como Marx, Weber, Scheler e Karl Mannheim, que estavam preocupados com a gênese social do pensamento científico. A crítica ideológica se identificou com a “teoria crítica” dos autores da Escola de Frankfurt, como Horkheimer, Adorno, Marcuse, Benjamin, entre outros, e rejeitava a neutralidade na ciência e sua possibilidade de descrição objetiva do mundo. Já a crítica retórico-literária mostra como as descrições e explicações científicas podem ser determinadas pelas regras de apresentação literária e podem ganhar poder persuasivo por meio de uso de metáforas. Os autores também enumeraram quatro características que se aplicam a perspectiva construcionista, são elas:

- 1) A especificidade cultural e histórica das formas de se conhecer o mundo;
- 2) A primazia dos relacionamentos humanos na produção e sustentação do conhecimento;

- 3) A interligação entre conhecimento e ação;
- 4) A valorização de uma postura crítica e reflexiva.

E concluem afirmando que o construcionismo desenvolve a transformação e inovação cultural por meio das críticas às convenções sociais.

Os autores Spink e Medrado (2013), alegam que o construcionismo social busca reconhecer as formas com que os indivíduos manifestam suas idéias e compreensões sobre o mundo em que vivem, e constroem seus sentidos. A produção de sentido é uma construção social, que envolve uma dinâmica das relações sociais entre as pessoas na construção e compreensão dos sentidos de acordo com as situações e fenômenos no cotidiano. Ressaltam ainda ser uma prática social, um fenômeno sociolinguístico e por meio das práticas discursivas é possível compreender a maneira como o individuo constrói seus sentidos e toma partido em suas relações sociais diárias.

Na visão construcionista, o conhecimento deve ser construído em um tempo e espaço específicos em uma realidade intersubjetiva pautada pela visão hermenêutica, e que nessa perspectiva, o conhecimento não é regulado pela interiorização dos processos sociais nem a exteriorização dos psicodinâmicos, mas sim pela interação dialógica, situada no espaço da interpessoalidade, da relação com o outro, esteja fisicamente presente ou não (Spink e Medrado, 2013).

3.2 Delineamento do Estudo

Neste trabalho pretendeu-se realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois ela permite situar o pesquisador no mundo, por meio de práticas materiais e interpretativas, como entrevistas, notas de campos, conversas, entre outros, que descrevem momentos e significados rotineiros da vida dos indivíduos (Denzin e Lincoln, 2006). Os dados, a princípio, foram coletados em um único momento, com desenho de uma pesquisa transversal, subdividida em: exploratória, quando o pesquisador precisa conhecer mais de perto o objeto de estudo, pois ele

ainda foi pouco estudado, e a abordagem descritiva, quando o pesquisador busca especificar as características, perfis dessa população, grupo, fenômeno ou objeto de estudo (Sampieri, Collado e Baptista Lucio, 2013).

Este delineamento se relaciona com o construcionismo social, cuja proposta é a produção de teorias compreensíveis que apóiem a coordenação humana a partir de valores já legitimados socialmente, bem como de promover críticas às convenções sociais impostas (Rasera e Japur, 2005).

3.3 Participantes

A pesquisa foi realizada com 10 alunos matriculados em um Projeto de Universidade Aberta da Maturidade da Universidade Federal do Paraná no ano de 2015, selecionados por conveniência. De acordo com os seguintes critérios de inclusão: estar devidamente inscrito no programa, idosos a partir de 60 anos, de ambos os sexos.

Foram contactados para a entrevista 12 idosos participantes do projeto, porém 2 deles não compareceram a entrevista no dia agendado por motivos pessoais. Dessa forma, a entrevista foi realizada com os 10 participantes, dos quais, seis são casados, três viúvos e um solteiro. Para conferir o anonimato, seus nomes foram substituídos por nomes de flores mais conhecidas nacionalmente. Referente ao nível de escolaridade, um possui o nível superior, dois possuem o nível técnico, cinco possuem o ensino médio e dois possuem o ensino fundamental. Referente à situação de moradia, três entrevistados declararam morar somente com o companheiro ou companheira, três declararam morar com companheiro, companheira e/ou filhos e netos, dois declararam morar sozinhos, um com filhos e um com a mãe. E nove dos entrevistados declararam ser aposentados.

Tabela 2 - Dados sociodemográficos

Nome	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Mora com quem	Profissão	Aposent

Gerbera	62	Solteira	Primeiro Grau	Mãe	Vendedora, Bancária	Sim
Orquidea	63	Casada	Superior completo	Esposo e dois filhos	Bancária	Sim
Lirio	63	Casada	Ensino médio	Esposo	Confeiteira, Atendente e caixa	Sim
Girassol	63	Casada	Ensino médio	Esposo, filha e neta	Secretária	Sim
Tulipa	65	Viúva	Ensino médio	Sozinha	Comerciante	Sim
Violeta	66	Viúva	Ensino fundamental	Sozinha	Aux. Adm	Sim
Cravo	66	Casado	Técnico em telecomunicações	Esposa, filha e neta	Técnico em telecomunicações	Sim
Margarida	71	Viúva	Técnica em enfermagem	Filha, genro e netos	Técnica em enfermagem	Sim
Azaléia	73	Casada	Magistério	Esposo	Professora	Sim
Rosa	74	Casada	Ensino médio	Esposo	Do lar	Não

3.4 Local

A pesquisa foi realizada no Projeto da Universidade Aberta da Maturidade da Universidade Federal do Paraná. Segundo a Coordenadora do Projeto³, a proposta nasceu no ano de 2012, após uma vista do Reitor da UFPR à Universidade Federal do Tocantins, onde ele conheceu o Programa da Universidade da Maturidade (UMA), com a proposta pedagógica de melhorar a qualidade de vida de pessoas acima de 45 anos. Ao retornar ele pediu para que a UFPR implantasse um projeto semelhante, pois ele tinha ficado encantado com o mesmo. Assim, formou-se uma comissão de implantação, com a participação da Coordenadoria de Extensão, vinculada a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR e após pesquisa em diferentes projetos, chegou-se a um modelo próprio, com o perfil da UFPR e do público paranaense. O projeto foi aprovado pelo Comitê Assessor de Extensão (CAEX) sob o parecer

³ Informações concedidas em entrevista pela coordenadora do Projeto, Prof. Drª. Maria Emilia Daudt Von der Heyde, devido ao fato de não haver publicações oficiais.

número 688/12. Naquele ano, houve uma grande greve de docentes e discentes e por esse motivo o projeto teve inicio somente em agosto de 2012. A proposta inicial era de formar uma turma de 30 pessoas, mas como a procura foi muito grande, resolveu-se aumentar a turma para 50 pessoas. No segundo ano, em 2013, as inscrições superaram novamente, por esse motivo foram abertas duas turmas de 50 pessoas cada, dando continuidade nos anos seguintes, 2014 e 2015. O objetivo deste projeto é promover a atuação dos idosos como sujeitos ativos e protagonistas no exercício dos seus direitos, contribuir para o seu desenvolvimento físico, mental, cultural e social, promover a elevação da autoestima, oferecer oportunidade de atualização em assuntos de interesse, promover a inclusão na comunidade acadêmica, promover a ampliação de sua rede social, sensibilizar a comunidade acadêmica para a temática “Terceira Idade” contribuindo para a formação acadêmica (currículos dos cursos de graduação e pesquisas) e fortalecer a dignidade dos idosos envolvidos.

Em relação ao ensino, pesquisa e extensão, o projeto da Universidade Aberta da Maturidade contempla os cinco princípios da Extensão. São eles:

1- Impacto e Transformação: A integração dos idosos participantes com a equipe de professores, alunos e técnicos administrativos no meio acadêmico produz oportunidades de relações sociais importantes e troca de conhecimentos e experiências que garantem o impacto e transformação a todos;

2- Interação dialógica: Apesar de um cronograma e planejamento das atividades, a proposta pode ser alterada sempre que necessário para atender as demandas e expectativas dos envolvidos, valorizando uma construção coletiva.

3- Interdisciplinaridade: A proposta do projeto prevê ações e diálogos interdisciplinares com todos os membros envolvidos, visando o enriquecimento das atividades, melhorando o aprendizado e a formação continuada de todos.

4- Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão: As ações de construção e

desenvolvimento do projeto envolvendo professores, alunos, servidores técnicos administrativos e comunidade externa geram novos conhecimentos e aperfeiçoamentos, contribuindo para reflexões críticas e novas fontes de pesquisa relacionada a esta temática.

5- Impacto na formação de estudantes: O envolvimento com o projeto permitirá aos alunos um novo contato com as questões da sociedade, bem como o exercício da solidariedade, possibilitando também novas possibilidades de temas de pesquisa e de atividades profissionais ao entrarem no mercado de trabalho.

São oferecidas atividades como cursos, eventos, atividades físicas e lúdicas, totalizando aproximadamente 190 horas, ao longo de oito meses, com início em agosto e término em junho do ano seguinte. As matrículas dos candidatos iniciam geralmente no final do mês de maio e vão até o final do mês de junho, de acordo com a coordenação do curso. No mês de julho, ocorre a seleção dos candidatos por meio de entrevistas, cujos requisitos são: ser alfabetizado, ter mais de 55 anos e estar com foco no objetivo principal do projeto que é contribuir para a promoção da qualidade de vida incentivando e oportunizando a inclusão social dos idosos. Os cursos abordam temas como: informática, saúde bucal e qualidade de vida, nutrição, cuidados dermatológicos, protagonismo, construindo histórias, saúde mental e qualidade de vida, doação de órgãos e tecidos, viver bem a idade que tem, expressão corporal, cuidado com medicamentos, filosofia, empreendedorismo social, prevenção de quedas, exercício físico e saúde, elementos de geografia aplicada, homeopatia e fitoterapia, programação neurolinguística, impacto da pesquisa no nosso dia, necessidade nutricionais da terceira idade, yoga e saúde, além de sessões de cinema, oficinas e visitas a locais de interesse e passeios turísticos. Os encontros são realizados nas tardes de terças e quintas-feiras, das 14h00 às 17h00, nas dependências da instituição, na maioria das vezes nas salas de aula localizadas no prédio histórico da Santos Andrade ou em laboratórios localizados em outros campi, sempre cedidos pela UFPR.

Para avaliação do Projeto, são realizadas reuniões mensais com os integrantes e o grupo parceiro para o levantamento de demandas, planejamento e reflexão sobre as atividades desenvolvidas, assim como estabelecimento de rodas de conversa, mensais, com os idosos participantes, para identificar expectativas, demandas, avaliação das atividades propostas e desenvolvidas, que poderão ser acompanhadas de questionários sobre tais atividades. No final do período, após o encerramento das atividades do curso, há uma solenidade de formatura, com entrega dos certificados de participação.

3.5 Instrumento

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi à entrevista semiestruturada, baseada em um roteiro com questões que abordam as categorias: motivação, expectativas, significado da participação e benefícios (Apêndice A) totalizando 21 questões. A escolha por esse tipo de entrevista se deve por ela se adequar a proposta da metodologia qualitativa e também pela possibilidade de introduzir perguntas adicionais para esclarecer ou obter mais informações sobre o tema escolhido, sem ficar restrito as perguntas descritas no roteiro (Sampieri, Collado e Baptista Lucio, 2013). A coleta de dados foi realizada no período de 31 de março a 17 de maio de 2016.

3.6 Procedimentos

Primeiramente, foi encaminhado à coordenadora da UnATI, uma carta solicitando autorização (Apêndice B) para a realização da pesquisa. Com a autorização, o projeto foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Saúde, tendo recebido parecer favorável sob o CAAE número 45991515.3.3001.0102. Após aprovação, a pesquisadora deu inicio a coleta de dados.

O projeto foi apresentado a um grupo aleatório de aproximadamente 15 alunos em meados de Março/2016, que estavam aguardando o início da aula no pátio do prédio da

Universidade, no período em que a turma já estava concludo o Programa. Para esses alunos, foi feito o convite para fazer parte da pesquisa, esclarecendo o objetivo principal da pesquisa, a relevância e importância da colaboração, a garantia do anonimato, bem como a desistência, sem prejuízo para os pesquisados, em qualquer momento da realização do trabalho. Após o aceite, as entrevistas foram agendadas com os participantes, de acordo com sua conveniência, geralmente uma hora antes do início das aulas e aconteceram na biblioteca ou salas de reuniões emprestadas para este fim, dentro dos *campi* onde estavam sendo realizadas as aulas, para que não prejudicassem a participação dos mesmos nas atividades do Programa. Antes de dar início a entrevista, foi solicitado para que lessem e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C). Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para análise dos dados.

3.7 Análise dos dados

Para a análise dos dados da presente pesquisa foi realizado a transcrição de cada entrevista, a seguir organizou-se as informações em planilha para facilitar a leitura e recortes das unidades que seriam classificadas nos temas ou tópicos. Após leitura exaustiva e minuciosa dessas unidades, as categorias foram estabelecidas e as unidades foram categorizadas, para refletir a experiência dos participantes de maneira que atendesse os objetivos da pesquisa.

Os dados foram submetidos à análise de discurso, fundamentada nas práticas discursivas dos autores Spink e Medrado (2013), que definem como linguagem em ação, os processos utilizados pelos indivíduos para produção de sentidos em suas relações sociais. Ainda de acordo com os autores, as práticas discursivas possuem como elementos constitutivos: a dinâmica, as formas e os conteúdos.

A análise tem inicio com uma imersão abrangente nas informações coletadas nas entrevistas, a principio sem categorizar, classificar ou tematizar os dados, pois pode haver um

enfrentamento entre os sentidos construídos no processo de pesquisa e nossas teorias de base. Após esse confronto de idéias, as autoras Spink e Lima (2013) sugerem criar um mapa de associação de idéias, que tem como objetivo sistematizar o processo de análise das práticas discursivas e dar visibilidade aos resultados. Primeiramente separam-se os conteúdos (mantém-se as falas intactas, sem fragmentação) em categorias gerais, que refletem os objetivos da pesquisa. Após essa fase, os mapas permitem elaboração de novas categorias, que se aproximam com os objetivos da pesquisa.

As práticas discursivas são pautadas na perspectiva construcionista, em que a produção do sentido se produz no contexto da ação social, pautada pela visão hermenêutica do processo criativo mediado pelas expectativas e pressupostos de cada indivíduo (Spink e Medrado, 2013).

4 Resultados

Tabela 3 – Resultados

Categorias	Subcategorias
Experiências sobre o envelhecimento	Perdas físicas Solidão e depressão Perdas entes queridos Preconceito da sociedade Diminuição das finanças Dedicação a família e amigos Tempo livre Maturidade
Motivos da procura	Necessidade de interação com pessoas diferentes Novos aprendizados Ocupar tempo livre Reconhecimento Tempo para cuidar de si próprio Acompanhar cônjuge
Expectativas iniciais	Aprender sobre variados temas relacionados à maturidade Não precisar fazer prova/ não ter tanto conteúdo Viagens, passeios Convívio com conhecidos/amigos
Expectativas alcançadas	Novos aprendizados e/ou atualização de conhecimentos Despertou novos interesses Novos amigos, descoberta pessoas próximas, reencontros Planejam manter contato para se reunirem e fazer novos cursos juntos Considera que não está bem planejado Não considera que houve entrosamento da turma
Conhecimentos adquiridos	Aula de farmácia / medicamentos Expressão corporal / trabalhou o corpo Psicologia / dicas sobre a fase da velhice Nutrição / alimentação saudável Cuidados com o corpo / risco de quedas Informática / atualizações digitais PNL / mudar atitudes negativas Orgulho de transmitir conhecimentos a familiares e amigos Motivação para aprender cada vez mais / se reinventar Explorar lugares desconhecidos Informações sobre serviços oferecidos a comunidade
Metodologias apreciadas	Palestra animada, interativa, com co-participação, prática Linguagem acessível e aulas dinâmicas Aula expositiva com professores pacientes e atenciosos Reter informações

Críticas / sugestões	Aulas sobre jardinagem e hortas Inserir trabalho voluntário na UFPR Dar continuidade ao curso / pouco tempo Oferecer materiais personalizados da UAM Pouco tempo para entrosamento da turma Faltaram passeios e ativ. físicas Pouco tempo para os conteúdos Conteúdos mais práticos para rotina Professores inexperientes / demonstram improvisação
----------------------	---

5 Discussão dos Resultados

5.1 Experiências sobre o envelhecimento

No início das entrevistas os participantes foram indagados sobre como estavam vivendo a atual fase de suas vidas, a velhice. Este questionamento serviu como uma forma de aquecimento para as questões subsequentes e foi útil para que relatassem as experiências que antecederam a busca pelo projeto.

É por meio dos relatos dos próprios idosos que foi possível compreender a percepção de cada um sobre o seu envelhecimento, entendendo como um balanço entre perdas e ganhos tanto nos aspectos biológicos, emocionais e sociais. Como se nota no depoimento de Rosa:

Olha pra eu aceitar a idade e **aceitar o que eu posso e o que eu não posso**, como posso dizer, estou meio ruim da cabeça assim, aceitar, porque eu antes, tudo que eu fazia antes eu não posso fazer, então é a limitação, **eu tenho limitação hoje**, e isso me deixou muito, me deixou doente (Rosa, 74 anos)

O discurso de Rosa denota uma angústia ao afirmar não poder realizar as tarefas que anteriormente realizava com facilidade, demonstrando as perdas físicas sofridas com o processo de envelhecimento, decorrente das alterações fisiológicas do corpo humano descritas por Spirduso (2005). Outro exemplo que expressa uma complicaçāo decorrente da velhice pode ser destacado na fala de Tulipa:

Quando **faleceu meu marido**, foi-se embora, aí fiquei com meus dois filhos, um menino e uma menina, daqui a pouco o menino casou e depois a menina casou, aí **fiquei sozinha de vez**, então **esse choque de ninho vazio** foi muito difícil sabe (...) no início foi muito difícil, **muito difícil, eu tive depressão**, tive que me tratar com psiquiatra, mas hoje estou melhor assim (Tulipa, 65 anos).

A entrevistada se utiliza do termo “choque de ninho vazio” para se referir à solidão sentida pela saída dos filhos de casa e a perda de um ente querido, no caso, seu esposo. É interessante notar a apropriação do científico para mencionar as dificuldades encontradas na velhice, construindo a realidade de uma tristeza que pode ter desencadeado sua depressão, o que vai ao encontro do proposto por Moura e Souza (2012), quando afirmam que o esvaziamento da rede social sucedido pela saída dos filhos de casa e viuvez podem ser

motivos de distanciamento e solidão nos idosos, o que exige uma reconstrução da autoimagem e socialização do idoso. As pesquisadoras Freitas, Queiroz e Sousa (2010) apontam que a maioria dos idosos teme a velhice pela possibilidade de tornarem-se dependentes pela doença, por não conseguirem exercer mais suas atividades cotidianas, e ainda pelas perdas significativas, como a viuvez, a morte de amigos e parentes, ausência de papéis sociais valorizados e dificuldades financeiras, o que pode contribuir para o surgimento das situações de crise.

Outro motivo que parece incomodar é o estigma da sociedade sobre os velhos, que pode ser demonstrado na narrativa de Orquídea:

A parte ruim é acho que isso né, que a **sociedade põe aquela marca de que 60 anos é idoso**, acho que assim eles já te dão um **prazo de validade** e já te limitam naquilo né, que você já está numa faixa assim que, as vezes com 60 nem é tão idoso né (risos) mas na sociedade você já é né, na sociedade moderna (Orquídea, 63 anos).

E também no relato de Violeta:

A parte ruim é que a gente tá ficando velho mesmo né (risos) e que tem **bastante discriminação** sabe, **ai a velha**, coisas assim que no meu tempo a gente nunca falou porque minha mãe sempre falava não é velho, é senhor ou senhora, e agora as pessoas falam ah, aquela velha chata, aquele velho chato, assim um palavreado bem vulgar entende, porque independente da idade, é um senhor ou uma senhora, velho assim, a gente sabe que a gente tem idade mas **falar velho assim, aquilo choca, e se eu não me olhar no espelho eu não me sinto velha** (Violeta, 66 anos).

Violeta, ao relatar sobre a discriminação sentida, traz em seu depoimento a voz de sua mãe, construindo um sentido em sua fala, pois como afirma Spink e Medrado (2013), a compreensão dos sentidos é realizada por meio de várias vozes, dentre elas, a voz trazida do tempo vivido, quando ocorre o processo de aprendizagem das linguagens sociais e também o ponto de referência afetiva, com as experiências vividas pelo indivíduo. Os autores ainda ressaltam que são essas vozes situadas que constituem nossas práticas discursivas.

Constatou-se ainda, por parte de alguns idosos, uma dificuldade em administrar os recursos financeiros, já que é nessa fase que a vida laboral é interrompida pela aposentadoria,

e essa por sua vez, devido ao baixo valor, não consegue suprir todas as despesas domésticas e com a saúde, e por vezes os idosos ainda precisam dar apoio no sustento de filhos e/ou netos.

Essa situação pode ser encontrada na fala de Rosa:

(...) e também o **financeiro que tá me incomodando bastante**, essa é a parte ruim, o financeiro(...) porque se eu fosse trabalhar, **eu pensei em trabalhar** e daí minhas filhas **não querem que eu vá trabalhar** (...) e elas também precisam de mim, quando elas precisam quem é que vai fazer, a outra também tá doente, então eu penso nelas (Rosa, 74 anos).

Dentro desse contexto, foi possível perceber que apesar da sociedade intitular esse período como “terceira idade”, a fase permeada de lazer, como apontado pela autora Silva (2008), os idosos participantes relataram sentir muito com as perdas, solidão, e principalmente com o preconceito dessa mesma sociedade. Há uma contradição no fato de que se fosse mesmo a “melhor idade”, as pessoas deveriam estar plenamente felizes e realizadas. Porém não foi o que conseguimos perceber por meio dos relatos. Diante desses aspectos a utilização desse termo para se referir aos idosos atuais tende a encobrir as dificuldades que possam advir do processo de envelhecimento. Se por um lado, se pretende que as pessoas nesta faixa etária percebam que podem viver satisfatoriamente, também pode levar ao sofrimento aqueles que não se percebem encaixados no perfil de idoso ativo e satisfeito com a vida.

Apesar disso, foi possível notar também um lado mais conveniente aos idosos nesse processo. Apontou-se essa etapa como um período em que se tem mais tempo para dedicar-se a família e amigos, tempo livre para aproveitar como não era possível anteriormente devido aos horários fixos e compromissos de trabalho, como descritos nos relatos de Azaléa: “*O que mudou é que eu fiquei cada vez mais perto do meu marido, ele fica em casa, tudo que a gente faz a gente faz junto, isso é muito bom*”. E também na exposição de Margarida: “*(...) ai eu me sinto tão livre, tão livre (risos) que eu posso sair a qualquer hora, qualquer lugar (risos)*”. Por meio dessas narrativas é possível entender que apesar da necessidade de readaptação, o ganho desse tempo “livre” após o envelhecimento permite preenchê-lo de

forma que traga satisfação pessoal. Elas vão ao encontro da conclusão do estudo de Datilo e Marin (2015), ao afirmar que a possibilidade de viver sem tantas obrigações, de maneira que o tempo livre possa ser vivido de forma intensa naquilo que lhe dá prazer é próprio do processo de envelhecimento. Por outro lado, Moura e Souza (2012) afirmam que embora o direito ao tempo livre na aposentadoria tenha sido conquistado socialmente, ele não é valorizado, já que a dimensão do lazer abrange a liberação de obrigações profissionais, familiares, sociais e religiosas, dessa forma, nenhum tempo poderá estar completamente livre das normas sociais. Os idosos vivem seu tempo disponível de acordo com suas vivências e hábitos adquiridos, por esse motivo, algumas vezes não desfrutam de seu merecido tempo, pois ou continuam exercendo alguma atividade remunerada, ou então passam a dedicar-se tão somente aos filhos, netos e outros familiares.

Na balança entre perdas e ganhos, a maturidade alcançada com a idade pode ser percebida como um ganho, como apontado no discurso de Gérbera:

Fiquei **mais determinada, mais segura**, coisas boas assim positivas, a cabeça assim, tipo como eu gostaria de voltar atrás com a cabeça que tenho assim (...) nesse sentido assim, de sentimento, eu achei tudo melhor (...) **a maneira de ver as coisas** também, que acontece com a velhice, maturidade né, é isso aí (Gérbera, 62 anos).

É possível perceber também no relato de Cravo: *“Ah bem melhor do que antes, porque agora eu tenho mais experiência, então eu já sei pensar muito mais do que antes, antes a gente fazia as coisas e depois pensava e agora eu penso antes de fazer.”*. Nesses discursos, infere-se uma alegria em afirmar que o passar dos anos trouxe um amadurecimento, uma segurança, fortalecendo a autoestima e autonomia dessas pessoas. Dados que corroboram com a afirmação de Schneider e Irigaray (2008) ao ressaltarem que durante o processo de envelhecimento algumas capacidades cognitivas como a agilidade de aprendizado e a memória podem diminuir, porém elas podem ser compensadas pela sabedoria, conhecimento e experiência.

Foi possível deduzir que apesar de estarem inseridos em um mesmo projeto, cada pessoa significava seu processo de envelhecimento de uma maneira diferenciada, uma vez que participavam de diferentes contextos interacionais, evidenciando suas perdas e reconhecendo algumas conquistas advindas desta nova etapa de vida. Considera-se estes dados relevantes na medida que evidenciam a diversidade de experiências e a singularidade de cada ser humano, o que precisa ser respeitado e levado em consideração sempre que se propõe práticas sociais destinadas a um público específico.

5.2 Motivos da procura

Nesta categoria, por meio das narrativas analisadas, buscou-se entender os motivos que levaram os idosos a se inscreverem no Projeto. Dentre eles surgiram os seguintes aspectos: necessidade de interação com pessoas diferentes, busca de novos aprendizados, ocupar o tempo livre, obter o reconhecimento da família, investir em um tempo para dedicar a si próprio e acompanhar o cônjuge.

A busca pelo programa para interagir com outras pessoas pode ser percebida na fala de Gérbera:

Justamente por essa **necessidade de conversar**, de **trocar idéia**, não ficar só lendo, essa coisa toda de aprender com os outros, trocar idéia, isso de **calor humano**, essa **integração** assim, por isso que a gente procura (...) senão fico em casa, só fico vendo filme, mas tudo sozinha né, a gente vai se acostumando com aquilo e isso é ruim né (Gerbera, 62 anos)

Por meio do relato de Gérbera, pode-se notar uma vontade de estar em contato com outras pessoas, interagindo, compartilhando conhecimentos, para manter-se bem, já que ficar em casa sozinha foi apontado como uma coisa ruim. De acordo com Abramowicz (2001), a interação social entre os idosos em grupos permite aos membros ampliar habilidades como o autoconhecimento, autocompreensão, auto-expressão e a possibilidade contínua de aprendizagem, o que deve ser estimulado para o desenvolvimento em todas as idades. Na

velhice, em especial, quando a rede de convívio familiar e social tendem a diminuir, como foi ilustrado na primeira categoria, iniciativas como este projeto suprem a necessidade de manter laços sociais e evitar o isolamento.

O interesse em aprender mais e ocupar o tempo livre pode ser destacado no discurso de Girassol: *“É a vontade de ter novos conhecimentos, não ficar parada, a mente não ficar parada para ter uma condição, uma velhice melhor né...que eu possa aproveitar, aproveitar com saúde e que eu tenha disposição pra fazer as coisas...”*. Afirmativa que condiz com a idéia de Urbano e Yuni (2015) ao alegarem que os idosos avaliam esse espaço / tempo educativo como uma oportunidade de sempre “extrair algo” que está representado pelo conhecimento e também que esse aprendizado possibilita ao idoso o reforço de sua identidade pessoal e social (Yuni e Urbano, 2011)

Já Violeta relata que o principal motivo era satisfazer a vontade da mãe em ter um filho com diploma, já que ao final do programa, os alunos recebem um certificado de conclusão no projeto de extensão da UnATI. O que pode ser destacado na fala:

Sabe, depois que eu me aposentei e daí eu comecei a fazer esta faculdade mais porque, assim, minha mãe tem 3 filhos e nenhum tem um diplominha, então pensei “**vou fazer esta faculdade e no dia que eu pegar o convite eu vou levar pra ela**”, só que não deu tempo, mas eu falei pra ela, dois, três meses depois que começou que eu tava fazendo uma faculdade aberta pra terceira idade, nossa ela ficou muito feliz (...) só que não deu tempo de dar o diploma, ela morreu assim sabe, que nem um passarinho, então (...) foi muito de repente, ela tava muito boa, e então dai agora tem que continuar né (Violeta, 66 anos).

Essa possibilidade de realizar antigos sonhos e projetos de vida adiados relatados na fala de Violeta vem ao encontro da proposta de educação permanente descritas nos trabalhos de Cachione e Neri (2004) e Taam e Stieltjes (2012), que a descrevem como um esforço de viver mais e melhor. Apesar de que neste projeto o aluno não recebe certificado de graduado em um curso superior e sim como participante de um curso de extensão universitária, percebemos que este último teve para a participante um significado similar, por ter tido a

oportunidade de frequentar uma universidade. Urbano e Yuni (2015) ressaltam também que os idosos significam sua participação em um projeto como esse, como uma oportunidade de complementar aquilo que ficou faltando em sua vida, elaborando uma autoimagem mais positiva com relação a suas capacidades e sentimentos de auto eficacia.

Um outro motivo destacado por Rosa para buscar o programa foi a necessidade de buscar novas perspectivas, deixar a depressão de lado e ter um tempo para dedicar a si própria, como descrito a seguir:

Abrir um horizonte diferente né, eu já estou pensando diferente, deixei daquelas coisas assim de depressão porque fica em casa né, você tem coisas para fazer, você ajuda, eu até pouco tempo tava cuidando de uma tia que tava doente, não assim ficar todo dia com ela, mas eu sempre tava olhando né, mas agora eu **tô tirando um tempo para mim**, e isso eu tô gostando, foi muito bom! (Rosa, 74 anos).

A atitude da participante demonstra por meio do repertório utilizado, “busca de um horizonte diferente”, a possibilidade de construir novos modos de vida e relacionamentos. Neste exemplo, há uma mudança de atitude no sentido de ser cuidadora do outro para o cuidar de si mesma e assim, sair da depressão e se permitir novos pensamentos e sentimentos. Essas informações reforçam o estudo de Urbano e Yuni (2015) que afirmam que um dos objetivos do projeto para idosos é oportunizar o aprendizado de novos modos de ser / estar consigo mesmo e com a sociedade, por meio de uma reformulação de seu projeto de vida.

E dentre os relatos dos participantes desta pesquisa, um deles apontou que o motivo para sua participação no programa foi acompanhar sua esposa.

Nos relatos acima foi possível perceber que a maioria dos idosos veem a participação na UnATI como um possível meio de enfrentamento às diferentes vivências do envelhecimento, buscam-na por diversos motivos, por reconhecerem nesta proposta a oportunidade para alcançar novos conhecimentos, saúde por meio do aprendizado e aumento das relações sociais e experiências que possibilitem ressignificar esta etapa da vida. Neste sentido, percebemos que os participantes se mostraram consonantes com a construção social

que valoriza e orienta as pessoas desta faixa etária na busca de um envelhecimento ativo, que requer atividades, planejamento e construção de expectativas positivas acerca de seu futuro.

5.3 Expectativas iniciais

Nesta categoria, foi possível perceber algumas expectativas iniciais dos alunos em relação ao projeto, dentre elas, a de aprender sobre variados temas relacionados à maturidade, como pode ser demonstrado na fala de Tulipa:

Eu fui e perguntei pras meninas o que era, ai elas disseram tem **palestras sobre queda da pessoa idosa dentro de casa, sobre medicamento, sobre alimentação, sobre várias coisas**, então tudo isso me interessou, **todos esses itens assim destinados a terceira idade**, que talvez eu não tivesse outro lugar pra fazer, pra ouvir todas essas coisas (...) achei bem interessante (...) Aprender mais sobre coisas, assuntos da maturidade (Tulipa, 65 anos).

Outra expectativa relatada foi que no programa não haveria a obrigatoriedade de fazer avaliações e os conteúdos seriam diversificados. Como pode ser destacado no discurso de Gérbera:

Por ser de vários assuntos, entendeu, e **não ter aquele negócio de fazer prova**, não sei o que, entendeu (...) a **diversificação**, falar sobre saúde, sobre alimentação, sobre como se diz assim é, filosofia, um monte de coisas assim. Então pra mim tudo foi interessante! (Gérbera, 62 anos).

Os passeios e viagens também foram apontados como fator de grande expectativa para os idosos, já que esses possibilitam uma maior interação entre os participantes. Pode-se perceber na fala de Orquídea: “*Olha minha expectativa inicial era não ter tanto conteúdo, achei que eles iam fazer assim mais passeios, atividades assim sabe...*”

Inicialmente estava programado oferecer passeios aos alunos, como nos anos anteriores, porém este ano com o corte no orçamento repassado pelo governo a todas as instituições federais de ensino superior, não foi possível a realização de passeios fora da cidade, o que pode ter gerado certa frustração nos participantes.

Já para alguns idosos, havia a perspectiva de conhecer novas pessoas e ter um convívio com elas, como se pode notar na fala de Girassol: “*O que eu esperava era isso mesmo né, o convívio com outras pessoas da mesma faixa etária da gente e as palestras, como nutrição...*”.

Foi possível observar que os participantes possuíam expectativas diferenciadas ao iniciar o programa, porém relacionadas aos motivos da procura apresentados na categoria anterior. Um aspecto relevante nas narrativas foi à expectativa de que fosse oferecido algo diferente do ensino tradicional, que geralmente prima pela transmissão de conteúdo e avaliação. Desta forma, a expectativa dos participantes desta pesquisa aponta para a necessidade de criar métodos apropriados e criativos na forma de associar o processo de aprendizagem com momentos de entretenimento, interação e ressignificação de experiências de vida. Para Lirio e Morales (2012) os idosos querem aprender algo que seja útil, funcional e que possa ser utilizado em sua vida social e pessoal, longe das metas de conseguir títulos vinculados ao trabalho.

A seguir iremos discutir a categoria de expectativas alcançadas, para no final conseguirmos avaliar o que pode ser concretizado ou não.

5.4 Expectativas alcançadas

Nesta seção, pudemos discutir se as expectativas foram alcançadas ou não. Dentre os participantes, oito deles afirmaram estar totalmente satisfeitos em relação ao projeto, enquanto que o restante apesar de terem respondido que ficaram satisfeitos, mostraram opiniões diferentes ao responderem outras questões relacionadas durante a entrevista, assim considerou-se um participante como parcialmente satisfeito e o outro como insatisfeito. Dentre os motivos de satisfação, pode-se observar o de ter aprendido novos conteúdos e/ou atualizado os que já possuíam como Margarida colocou:

Uhum, **muitas coisas que eu não sabia e aprendi (...)** Como eu verifiquei essa parte

que não sabia (...) eu acho que são pesquisas mesmo que os alunos fazem, então uma coisa que eu tinha na cabeça que eu aprendi que já não é mais, muitas coisas né, como medicação, todas essas coisas, que tava certo e não é mais (Margarida, 71 anos).

Cravo destacou que o programa o motivou a se interessar por novos conteúdos, que antes julgava serem desnecessários, e atualmente acha importante, como ressalta em sua fala:

(...) aprendendo as coisas também né, tem que aprender, como a aula de hoje que eles vão dar, que pra mim deve ser interessante, **porque essa daí eu nunca me interessei [computação], eu falei que nunca ia usar isso**, não quero nem saber disso, **mas agora eu to vendo que é bom a gente saber** (Cravo, 66 anos).

Outro motivo identificado que contribuiu na satisfação dos alunos foi o aumento da rede de amizades no decorrer do programa. Dentre os depoimentos concedidos, notou-se que a maioria dos participantes fez novas amizades, uma participante reencontrou uma amiga que não via há algum tempo e outra participante relatou que conheceu outra aluna que mora próximo a ela e não se conheciam. Quando perguntado se pretendiam continuar mantendo contato após o término do curso, a maior parte respondeu que sim.

Na fala de Cravo, ele disse ter conseguido fazer novas amizades durante o curso, apesar de não se considerar uma pessoa tão aberta a amizades: “*Ah claro, claro que eu ampliei, e eu não sou uma pessoa assim que faço amizade fácil, não sou, eu sou difícil de fazer amizade, mas sempre tem um ou outro que a gente se relaciona melhor...*” E quando foi questionado sobre continuar mantendo contato ele declarou que irá manter: “**Sim, claro...na parte dos meios eletrônicos né, e se possível, a gente se encontrar, fazer encontros.**” Girassol também concorda com Cravo sobre as amizades, conforme descrito em sua fala:

Ah bastante, bastante, **deu pra fazer bastante amizades legais** ainda. E tem muita gente que precisa conversar, por isso é muito bom, tanto que **a amizade que a gente vai levar depois né!** a gente já combinou de várias maneiras sabe, por telefone, por face, por what's, por tudo, a gente vai continuar, **a gente vai continuar tendo nosso chazinho da tarde**, daí a gente tem que ver os cursos que tiver pra gente fazer junto né (Girassol, 63 anos).

Assim como as relações sociais, as relações de amizade são também muito

importantes na transformação da identidade do idoso, pois como se refere Ortega (2012), a amizade pode ser compreendida como um processo no qual os indivíduos implicados trabalham na sua própria transformação e na sua invenção.

Orquídea afirmou ter alcançado parte de suas expectativas em relação ao curso. O fato de ter feito novas amizades e ter interagido com elas foi uma experiência boa, porém na opinião dela o curso acabou criando uma rotina de estudos em sala de aula que não foram tão interessantes, ela destacou que gostou especialmente da aula de informática no laboratório, pois saiu da rotina, como descreve abaixo:

Em partes só né, em partes foi alcançada porque a gente **interagiu, conheceu gente diferente**, a gente veio aqui, foi bom porque teve esse campus aqui porque a gente teve esse laboratório, acho que salvou o curso, (risos) sinceramente, pra mim, porque você **saiu da rotina**, porque fica meio que uma rotina né (...) e o que a gente não quer é rotina né, não sei os outros mas eu pelo menos, então foi com que nesses dois meses a gente ficou pra cá, então mudou né, veio pro laboratório e tudo, deu uma espalhada entendeu, então vamos dizer assim, **não totalmente, mas em partes sim**, porque os assuntos são todos relacionados com o que a gente precisa saber, sobre remédios, vencimentos, sabe (...) então foi legal, bem interessante (Orquidea, 63 anos).

Já para Azaléia, as expectativas não foram alcançadas, pois afirmou que em sua opinião, o programa ainda não está bem planejado, como ilustrado a seguir:

Sabe, eu achei que **ainda não tá bem planejado** aquilo que eles estão querendo dar pra gente, não sei, não sei se estou sendo crítica, mas foi o que observei. Tem uns **professores mesmo, que eles mesmos falam que foram requisitados as pressas**, que às vezes nem sabiam o que falar, tem professor que disse que foi requisitado, parece que foram escolhidos de momento, vem aqui fazer pra nós **porque não tem ninguém que o faça**, você entendeu, então parece que é necessário que tenha uma coordenação assim, um preparo sobre, para indicar determinadas pessoas, pra dar tempo a elas de se prepararem, que às vezes dá impressão na gente que elas foram convidadas muito rapidamente e não sabem o que falar, como falar e o porquê falar, parece que elas foram escolhidas assim de uma maneira: mas você pode fazer isso? posso, mas o quê que eu vou falar, não sei, não sei o que preciso falar, **então tem algumas pessoas que fazem transparecer tudo isso e as vezes até falam que não sabiam como se explicar diante da turma**, queriam colaborar porque foram escolhidas mas não sabiam bem como, não estavam bem preparadas para isso, é uma falha, que você sente que a pessoa quer colaborar, mas ela não sabia nem porque foi chamada e nem como ela teria que colaborar, ela tava com uma disposição muito boa, mas ela não tava conseguindo (Azaléia, 73 anos).

Azaléia relatou também que em sua opinião, a classe não teve um entrosamento como

deveria. Ela relatou que o tempo era muito curto e não foi suficiente para iniciar uma relação de amizade, conforme seu relato:

Não, amizades íntimas assim não, amizades de se conversar com uma pessoa ou outra, tem muito pouco tempo para isso, porque você chega, senta e assiste a aula, tem um recreio bem pequeno também que você toma seu lanchinho, vai ao banheiro, entra na classe outra vez, toca o sinal, vai embora, **enquanto a entrosamento pra mim, não surtiu efeito não**, sabe porque eu acho assim que como eu disse pra você que tá faltando entrosamento das pessoas, eu não sou muito de computador, eu prefiro me comunicar verbalmente com as pessoas, mas eu não sei, não sei o que passa (Azaléia, 73 anos).

O senso crítico de Azaléia em relação ao planejamento e formas de entrosamento da turma é muito mais apurado em comparação aos outros participantes. Esse fato pode estar relacionado com a sua própria experiência de vida, já que ela foi professora de ensino fundamental por alguns anos.

Por meio dos relatos dos participantes percebemos que após o início das atividades eles tomaram conhecimento da dimensão do que é um programa de educação continuada e das relações pessoais e profissionais envolvidas. No discurso de alguns, foi possível notar a satisfação em ter sua expectativa inicial superada, o que vai ao encontro da opinião de Fernandes, Nascimento e Costa (2010) que afirmaram que a inserção e o engajamento social reforçam no idoso seu sentimento de utilidade e vivência de um estado de bem-estar, trazendo um sentimento de satisfação. Porém, por outro lado, foi possível observar um descontentamento de alguns participantes em relação ao programa, o que nos remete ao que Cuenca (2011) trouxe em seus estudos, que o conteúdo precisa atender as necessidades pessoais, sociais e educativas sentidas e/ou percebidas, e precisa ser significativo para o idoso, levando em consideração sua bagagem cultural. De acordo com Lirio e Morales (2012) e conforme já relatado anteriormente, os primeiros programas para idosos tiveram inicio nos anos 80 e desde então tem se expandido por todo o mundo. Os primeiros esforços foram dedicados ao estudo do modelo do programa, negociações com as Instituições e busca por

recursos, visando primeiramente sua implantação e viabilização. Segundo os mesmos autores, a segunda fase seria a de avaliar os programas com o intuito de melhorá-los, minimizando os erros e aumentando a qualidade educativa, e para isso, a formação de professores que atuam nesses programas passa a ser um fator essencial. Dessa forma, os programas atualmente precisam estar preparados para atender as demandas dos participantes, pois como ressaltam os autores supracitados, o que realmente diferencia o aprendizado em idosos de outras faixas etárias não são tão somente os métodos, mas também os objetivos, eles visam o autodesenvolvimento para superar as dificuldades do seu processo de envelhecimento.

5.5 Conhecimentos adquiridos

Com relação à categoria “Conhecimentos adquiridos” é possível notar vários momentos importantes que ficaram na memória dos participantes do programa. Elencou-se os fatos na ordem de maior ocorrência nos relatos. O primeiro mais lembrado foi a aula de farmácia, que abordou questões importantes sobre medicamentos e remédios. Pode ser ilustrado na fala de Rosa:

Ah aquela, acho que ela é formada em farmácia, também não me pergunte porque eu não guardo o nome, também **eu gostei muito** porque eu tava tomando uns remédios, o médico receitou, aí eu fui em outro e o outro receitou outro, daí eu falei pra ele “mas eu tô tomando outro remédio”, não, daí ela disse assim que a ginkgo biloba e esse remédio não combinam, não pode tomar, quer dizer eu fui saber aqui, porque médico não explica para você, e daí eu tive efeito colateral tudo e eu não sabia, não tava sabendo, e **aquilo me abriu a cabeça, quer dizer que foi muito bom saber essas coisas de saúde, de remédios, acho que ela é professora de farmácia senão me engano, mas nós gostamos demais dela, foi muito boa a aula** (Rosa, 74 anos).

Outra aula que também marcou para os alunos foi a de expressão corporal, que proporcionou trabalhar movimentos com o corpo, a timidez e também a interação, conforme destacado na fala de Violeta:

Bom o teatro no começo, na aula de expressão, porque eu sou muito tímida, eu quase morro de vergonha sabe para falar e tal e eu tive que falar, e eu falei, não sei de que jeito lá mas eu falei, então acho que isso foi bem legal, deu para perder um pouquinho, porque tava precisando de uma oradora porque ninguém queria ser

oradora, sabe, como eu gostaria de ser alguma coisa, de falar, demonstrar e aquilo se eu ver 6 ou 7 na minha frente eu não falo mais nada, então **esse negócio de expressão corporal que a gente teve no começo foi bem legal, gostei muito** (Violeta, 66 anos).

E também no relato de Gérbera: “...uma aula que eu achei muito interessante sim foi aquela da menina do teatro lá, que deu expressão corporal, ai achei assim interessante sabe, parece que **desbloqueou um pouco a gente**, essa eu achei bem interessante...” Gérbera complementa em sua fala também que gostou das dicas passadas pela psicóloga sobre a velhice, conforme descreve a seguir:

(...) tem uma que a gente até pediu pra ter de novo, não me lembro, que a moça ela era da Copel, tenho até anotado o nome dela, e a primeira aula que nos tivemos também que ela falou sobre sentimentos, era sobre sentimentos sabe, **sentimento da velhice**, essa eu achei assim que acrescentou sabe, **trabalhamos os sentimentos** assim (...) essa me marcou bastante (Gérbera, 62 anos).

Outro tema que também chamou muito a atenção dos participantes foi a nutrição, conforme consta no discurso de Tulipa:

(...) sobre alimentação **eu mudei muito a minha alimentação com as dicas daqui**, a minha glicemia sempre era alta, 110, era alta, fiz 3 meses atrás e deu 110, fiz recentemente deu 85, por causa da alimentação controlada, só de não usar muitos açucares. Eu **já estou pondo em prática e já estou tendo resultados**, tudo que eu aprendi sobre alimentação, sobre medicamentos (Tulipa, 65 anos).

Girassol destacou em sua fala que com as aulas do projeto aprendeu sobre cuidados a tomar para evitar quedas, como:

Uma coisa que eu sempre insisti assim que meu marido não gosta, eu gosto muito de tapete, e a gente viu que na **nossa idade é prejudicial usar tapete em casa**, aquelas coisas, é perigoso tropeçar, entende, então ele disse: “viu, eu tinha razão quando eu falava pra você” então isso aí pra mim, eu sempre teimei, vamos por tapete aqui, tapete ali, tapete em todo qualquer canto, eu colocava e ele tirava, era motivo de briga, agora ele fala: “eu falo pra você que não pode usar tapete” (Girassol, 63 anos).

A informática também foi lembrada como um aprendizado para a vida, como ilustrado no discurso de Orquídea:

Foi isso ai eu acho, da informática também né, **porque a gente vai pro computador**

mas não sabe as coisas direito, tem que sempre ficar perguntando pros filhos, e eles dizem: “mãe eu já te ensinei, já te avisei..!”**eles não tem paciência né, então essa parte de informática eu achei ótima,** não a melhor, mas eu achei que valeu a pena né (Orquídea, 63 anos).

Outra aula lembrada pelos alunos foi a de programação neurolinguística, que ajudou na mudança de atitudes, conforme relato de Lírio:

Sim porque lá e a neurolinguística né, então **eu acho que você tem que mudar muitas vezes as coisas né, e não ficar na mesmice, você próprio, porque só você pode mudar né**, não adianta, isso tem de vir de dentro de você, as pessoas podem dizer, ah você precisa fazer isso, mas se você não tiver o desejo você não vai fazer, **PNL é isso**, você tem que **mudar algumas coisas que estão te fazendo mal**, entendi que era isso, você tem que mudar e melhorar, por exemplo, se você é uma pessoa negativa, tentar ser uma pessoa melhor, e por ai né, a cabeça da gente (Lírio, 63 anos).

Dentre esses conteúdos, foi possível perceber também uma mudança de atitudes. Os alunos relataram que com o conteúdo aprendido, eles buscaram transmitir para outras pessoas da família e amigos. Isso elevou a estima e proporcionou um sentimento de orgulho, como pode ser observado no discurso de Violeta:

(...) umas coisas assim que **você pensa que não vai aprender, ainda na nossa idade**, às vezes eu chego em casa assim e ligo pro meu filho, “ai sabe o que eu aprendi hoje, tal tal tal”, e ele fala, “nossa mãe, negocinho da nuvem lá que agora não precisa mais pendrive”, eu falei esses dias, que pendrive meu filho, o negócio agora é nuvem, (risos) ninguém sabia o que era nuvem, “como assim?”**eles ficam assim“nossa mãe!!”** (risos) “você sabe tal coisa tal coisa, pois é, eu sei (risos), eu falo bem assim:”não sou tão burra assim, eu sou bem espertinha quando quero!”eu não tenho nada de restrição quanto ao curso, pelo contrário, só coisa boa! (Violeta, 66 anos).

Com o programa, os alunos se sentiram mais motivados a aprender cada vez mais, se reinventando, como descrito na fala de Margarida:

(...) a gente consegue **enxergar que a gente pode mudar** também (risos) que as vezes muitas coisas que eu reprimia, não é nada disso, a convivência é muito bom, daí faz a gente começar a pensar assim que **a gente tá com a idade mas você tem de procurar a oportunidade de aprender cada vez mais** (risos) isso eu já consegui, e acho que vou continuar, porque eu já vi que não posso parar, isso eu percebi, que me faz tão bem (risos) (Margarida, 71 anos).

De acordo com Scortegagna e Oliveira (2010), a educação admite uma nova análise das próprias características, oportunizando uma reflexão, se tornando um meio de libertação e

transformação na vida dos idosos.

Mesmo morando há anos na mesma cidade, Girassol destacou em sua fala que com o programa ela teve oportunidade de conhecer lugares novos e se encantar. Comentou também que com o passeio, obteve a informações sobre os serviços prestados na universidade que são oferecidos gratuitamente a comunidade interna e externa, de acordo com o relato a seguir:

Outra coisa foi bem no começo do curso, a **gente foi fazer um tour pelos campus**, eu tava começando a fazer implante de dente e ia pagar muito caro, ai quando nós passamos aqui a guia aqui falou: “Ah aqui tem dentista, fazem isso, fazem aquilo, fazem implante, vocês tem direito também”, e quando ela falou isso, eles estavam em greve naquela época, mas eu já entrei no site e mandei um e-mail, daí tentei ligar, não conseguia eles não atendiam e só dizia mandem um e-mail tal, **deram o endereço de e-mail, dali uma semana eu fui chamada para fazer implante**, to fazendo implante, ta quase pronto já, dois dentes quebrou a raiz dos dentes né, ai tive que fazer implante e eu não queria por prótese né, e saiu meu implante aqui né, **por metade do preço e ai já economizei**, o atendimento é ótimo, ótimo, isso pra mim foi nossa economizei metade do preço, to pagando metade do valor que ia pagar! (Girassol, 63 anos).

Neste cenário, podemos afirmar que a participação no projeto proporcionou novos conhecimentos e informações que contribuíram para melhorar a vida dos alunos, como pode ser percebido nas falas acima. Essa constatação vai ao encontro da opinião de Pereira (2014) quando afirma que os alunos maduros procuram por meio das atividades socioeducativas e culturais, minimizar o declínio do envelhecimento, estimulando as funções orgânicas e psicológicas. Desta forma, é imprescindível que os programas organizem suas atividades com o objetivo de alcançar este propósito, por meio de metodologias que favoreçam o aprendizado de conteúdos que possam respaldar a pessoa idosa a lidar da melhor maneira com as questões do envelhecimento.

Outro aspecto relevante é o que diz respeito à construção de uma comunidade de aprendizagem entre pessoas idosas. Neste sentido, alguns relatos foram significativos ao mencionar o quanto algumas pessoas se deparam com o mito socialmente construído de que com a idade não se aprende mais, ou que não se muda mais. A experiência dos participantes desta pesquisa demonstra que quando são acolhidos e se constrói um contexto propício, a

aprendizagem, bem como a mudança de atitude é sempre possível. Além disto, a experiência de reencontrar uma habilidade que já se considerava perdida, como relatada por Violeta, resgata a autoestima e possibilita que a satisfação resultante leve a um novo movimento de busca e de abertura para um círculo virtuoso.

5.6 Metodologias apreciadas

Nesta classe, procurou-se entender quais métodos utilizados pelos professores foram mais apreciados pelos alunos. Dentre os participantes, oito deles relataram que preferem aulas práticas, com palestras animadas, que movimentem o corpo e a mente e que interajam com os participantes, uma delas relatou preferir aulas além de dinâmicas, mas também com linguagem acessível e por último, uma participante relatou preferir aulas expositivas com professores atenciosos.

No depoimento de Gérbera, ela ressaltou a preferência pela prática ao afirmar que: “*(...) para o idoso, o efeito da prática é melhor, porque tudo a gente precisa de movimento, nos temos que nos exercitar o movimento, mental e físico, entendeu...*”. Esse tipo de envolvimento dos alunos com os professores, levando os idosos a serem ativos, participativos e protagonistas é o que permite um melhor aprendizado nos alunos idosos, segundo Cuenca (2011). Além do que, entre os principais motivos para buscar o projeto e expectativas quanto ao mesmo, discutido anteriormente, constava o desejo de interação social. Sendo assim, aulas que proporcionem interação professor/aluno e aluno/aluno são fundamentais na programação.

No entendimento de Margarida, para haver uma boa compreensão dos conteúdos, é necessário que os professores sejam pacientes e utilizem uma linguagem mais acessível, sem muitos termos técnicos, pois isso facilita a assimilação. Conforme relatado abaixo:

Não muito científico né, com uma linguagem mais fácil, mas fizeram assim né (risos) quando a gente não entendia eles explicavam de uma forma mais fácil, claro que não foi nada difícil assim, eu prefiro que eles passem lá na frente **primeiro e depois** discutam no final, aí sim, que só falar falar também não dá, ainda mais para nós né, que não temos prova (risos) **tem que ser muito interessante a explicativa**

(Margarida, 71 anos).

Margarida também levantou a questão da discussão dos temas após as palestras que, segundo o seu depoimento, ela achou muito interessante para fixar melhor os conteúdos. O tipo de metodologia adotada pelo professor em sala é muito importante, pois como coloca Pereira (2014), o professor pode imprimir nos alunos, valores e marcas mais importantes do que a própria matéria que esta sendo estudada.

Quando perguntado a Rosa sobre sua preferência na metodologia, ela relatou que prefere: “*Aula expositiva, professor que é atencioso, paciente, positivo*”. Essa afirmação vai de encontro com os autores Lirio e Morales (2012) ao descreverem em seu estudo algumas características de uma metodologia didática que tanto a literatura quanto a experiência julgam ser importantes para a educação de idosos. Dentre elas pode-se citar: um clima positivo de aprendizagem para que os idosos se sintam acolhidos, tranqüilos e sem medo de errar. Para isso, o professor precisa apoiar, motivar e reconhecer as conquistas dos alunos. O segundo ponto é valorizar os saberes e as opiniões dos participantes, construindo em conjunto com eles o conhecimento, por meio de debates com participação, interações, materiais, entre outros, em um ritmo e organização adequados a suas necessidades. E por último, os autores destacam as avaliações como uma forma de revisar, reforçar e fazer reflexão sobre os conhecimentos adquiridos, para oferecer uma sensação de avanço nos estudos e de seriedade aos programas. Apesar de muitos idosos se assustarem com a palavra “avaliação”, essa pode ser realizada de maneira que não seja tão estressante, como em formato de auto-avaliações, avaliação em grupos, entre outros.

Quando questionado sobre as possíveis dificuldades entre os participantes, oito participantes declararam não ter sentido nenhum tipo de dificuldade, porém duas relataram sentir uma dificuldade em reter as informações, como no discurso de Margarida: “*(...) mais é gravar porque como aquela professora de turismo, da parte de turismo que levou a gente*

para conhecer a parte histórica de Curitiba, não consegui guardar né (risos) mas foi muito interessante as histórias... ”

E também no discurso de Orquídea:

A única dificuldade, ah é, acho interessante isso, a única dificuldade que eu achei de acompanhar foi que **tinha coisa que a gente achava interessante e queria anotar**, mas era tudo aqueles slides que os professores passam né, nem sabia porque já me formei faz 40 anos, e dai não tem material, acho que também peca nisso, que também tem coisa interessante que a gente gostou e **se tivesse uma folhinha, uma apostilinha**, nem que fosse R\$5,00 que a gente comprasse, **esse apoio vamos dizer, porque não e tudo que a gente consegue gravar**, não é tudo que a gente consegue escrever, que dai eles já passam tudo pra frente e a gente tenta mas não consegue, e também quando tem muita gente que pergunta, responde, todo mundo fala, e dai eu acho isso também, tinha que ter qualquer coisinha de apoio, eles dizem ah mas papel não sei o que, entra no site da professora, mas como vou lembrar, e ir lá perguntar pra professora também não dá pra ficar fazendo isso, então acho que devia fazer sabe, não coisa cara, pede pra professora fazer um apoiozinho, mas é que as professoras são voluntárias né, já tão dando o tempo delas também entendeu, então dai não sei quem faria, talvez a UAM fizesse e depois vendesse com um custo né, eu acho que pra mim faltou, tem gente que nem quer saber de papel né, mas pra mim, mas não é bom pra gente lembrar? puxa às vezes a **gente gostou de alguma coisa mas não lembra o que falou, esse apoio eu achei que fez falta pro curso** (Orquídea, 63 anos).

Orquídea sugeriu que o programa oferecesse aos alunos material de apoio para as aulas, como apostilas ou roteiros para facilitar a compreensão dos conteúdos, devido a dificuldade em tomar nota e prestar atenção simultaneamente. Essa sugestão é válida, porém com a indisponibilidade de recurso financeiro, torna-se necessário repensar as possibilidades. Uma estratégia interessante seria discutir com os próprios participantes do projeto alternativas para angariar verba para melhorias dentro do projeto, seja por meio de patrocínios ou parcerias.

Apesar da dificuldade relatada por Margarida e Orquídea, o objetivo do programa é conforme relatado por Pereira (2014), proporcionar aos participantes um espaço para fazer novas amizades, desenvolver suas potencialidades e novos projetos de vida e atualização cultural por meio do desenvolvimento de laços afetivos e da comunicação entre o grupo.

5.7 Críticas / sugestões

Na categoria de críticas e sugestões foi possível coletar as impressões dos participantes acerca do projeto. Por meio dos relatos, foi possível notar sugestões de melhorias mas também algumas críticas. Margarida sugeriu que um bom tema de aula seria sobre jardinagem, que segundo ela, o idoso tem tempo e poderia aprender mais sobre isso para cultivar para si próprio ou para seus familiares:

(...) gostaria algo na parte de plantações, plantas né, porque pessoas idosas adoram isso......a gente fala muito sobre orgânico né, como está vendendo ali [se referindo a feira de orgânicos da Reitoria] e a gente tem tempo para fazer isso pra família né, e acho que a maioria das pessoas tem espaço sabe, mesmo que não tivesse né, tem aquelas que fazem entre famílias né, **hortinhas também** né (Margarida, 71 anos).

Outra sugestão bem interessante dada por Tulipa também é inserir os idosos em atividades já existentes na Universidade, como no depoimento a seguir:

A universidade não tem assim por exemplo, alguma coisa assim que trabalha com crianças carentes, parece que tem aulas, não sei o que, e eles servem, não sei se esse ano tem, mas eles servem lanches para as crianças, **eu acho assim que eles poderiam aproveitar a gente pra fazer isso**, vai lá servir lanche, marca essa semana vem você, você e você servir as crianças, disseram que tem umas crianças pobres que vem fazer, não sei o que eles fazem, não sei se é musica ou teatro, e tem um lanche, e disseram que eles ficam em filinha assim, **eles podiam aproveitar**, e não fazer aqueles projetos com aquela professora lá, usar a terceira idade pra fazer isso, **ajudar com as coisas que já tem na universidade**. Porque projeto social que a gente vai fazer lá fora não vai funcionar, porque a gente só vai uma vez, duas e depois vai deixar, e se fizesse alguma coisa pra universidade coisa que já existe, **usar a gente pra participar** (Tulipa, 65 anos).

As sugestões de Margarida e Tulipa são bem interessantes e pertinentes, já que a universidade possui o Setor de Ciências Agrárias onde as atividades de horta poderiam ser realizadas. Com relação aos trabalhos dentro da universidade, estes poderiam englobar ações sócio-comunitárias, com trabalhos voluntários, promovendo a participação social.

Alguns alunos acreditam que um ano de curso é pouco e sugeriram que a duração do curso fosse maior, conforme consta na fala de Gérbera:

Eu acho que a gente não devia ter que terminar, eles deviam dar continuidade, eles deveriam passar a gente pra outra turma entendeu (risos) eles deviam de prolongar, ai seria bom demais, pode por essa sugestão, porque não dá bem um ano que a gente faz, é um semestre, se eles prolongassem, terminou tal, agora montassem um novo esquema, agora vocês vão passar desse pra esse, **pra não parar** (Gérbera, 62 anos).

A sugestão de Gérbera foi bem levantada pelos alunos, mas ao ser levada a Coordenação do Curso, esta relatou que a duração de um ano se deve ao motivo de oportunizar também outras pessoas a cursarem o projeto. O projeto proporciona aos alunos já formados, cursos de línguas estrangeiras e passeios extra-curriculares, possibilitando o reencontro e a continuidade dessas interações. Como o projeto ainda é recente, possivelmente poderá abrir outras turmas para continuidade, como já são realizadas em outras Instituições.

Violeta sugeriu que a universidade oferecesse aos alunos materiais personalizados da UnATI, como bolsas, entre outros, como relatado abaixo:

Não, crítica eu não tenho nenhuma, como sugestão tem um monte de coisa que poderia melhorar né, igual foi sugerido um monte de coisa quando a gente começou o curso né, que **acho que não deu pra fazer, como dar bolsinhas da UAM para nós**, entende, então não rolou, é que esse ano foi o pior, então por isso **acho que muita coisa que foi sugerida não aconteceu**, mas pra mim tá ótimo, excelente! (Violeta, 66 anos).

Já Azaléia destacou que em sua percepção, a turma teve pouco tempo para entrosamento, já que houve poucas oportunidades de interagir com os outros alunos, como relatado a seguir:

(...) sabe então eu acho **que tem pouco tempo pra entrosamento**, eu não sei se esse entrosamento deveria de ser feito **com mais passeios**, porque dai se você vai fazer uma viagem, você conversa, se você vai num restaurante, você conversa, isso pra isso. E só aquele negócio que devia de ter mais viagens, que devia ter mais aulas que houvessem interação dos alunos, teve uma que fez uma roda lá, perguntou o nome de todo mundo, o que faz, o que gosta, o que não gosta, quase uma dramatização, foi muito prazerosa a aula né, porque as vezes as pessoas vão lá e ficam falando falando e os idosos dormindo, fechando o olho, não aguentando, é uma coisa assim sabe, fica massante, tem de ser uma aula mais ativa, mais interativa, sabe (Azaléia, 73 anos).

Assim como Azaléia, Orquídea também sentiu falta de mais passeios e de mais atividades físicas e Orquídea sugeriu que a UAM fizesse parceiras com outras academias para

utilização de espaço físico adequado.

A sugestão foram essas né, **atividades físicas, passeios que nós fomos prejudicados e do apoio né**, que eu acho interessante, mas é que também elas não tem lugar próprio né, tipo essas aulas de ioga, não tem espaço, **deveria de ter espaço físico mais adequado**, eu acho que teria que ter uma parceria, a minha turma lá da associação tinha uma parceria com uma turma de Dança de Salão, e a gente fazia dança de salão na academia mesmo, na Barão do Rio Branco, isso que eu acho que deveria de ter, parceria, entendeu, mas não sei eles não tem parceria quase com ninguém (Orquídea, 63 anos).

As sugestões de Violeta, Azaléia e Orquídea foram bem pontuadas, porém tendo em vista os cortes no orçamento das Universidades Federais pelo Governo Federal no corredor ano, estas ações (fornecimento de materiais personalizados, passeios) não foram possíveis. Em relação aos locais para espaço físico, acredita-se que os espaços da universidade podem ser cedidos para o projeto, sem a necessidade de locação de espaço externo, porém como os professores são voluntários, ainda há indisponibilidade de profissionais em todas as áreas.

No entendimento de Orquídea, os conteúdos foram interessantes, porém foram passados em muito pouco tempo, o que não permitiu aproveitamento total.

(...) então acho assim que foi muita coisa dentro de sala de aula né, ficou muito trabalho assim de palestras, interessantes, foram bem interessantes porque a gente aprende, porque teve com farmacêutico, com nutricionista, nós tivemos uma bem legal com uma de teatro, não sei como é o nome dela, palestra bem interessantes, **mas também bem pincelada** né, porque não tem como aprofundar, porque é só um dia, você não consegue aprender, é que nem informática aqui né, o conteúdo é bom, é bom, **mas você não consegue aprofundar muito né**, porque ai você só tem uma aula, e você só tem aquilo, então você não tem tempo de voltar e mexer com eles, com os alunos, entendeu, mas é gostoso também né (Orquídea, 63 anos).

Na opinião de Azaléia, o conteúdo foi extenso e cansativo e não abrangeu tarefas práticas que os idosos precisam em sua rotina. Foi possível perceber a sua insatisfação.

(...) porque eu acho que assim nessa aula de computação que a gente teve, bastante gente que eu ouvi falar que **não consegue assimilar, que tá sendo dado muito rápido, a parece que o foco é vencer o programa da computação e não ensinar os alunos** que estão aí são competentes em ensinar, mas tem muita coisa que precisava ser ensinado e revisado, não só ensinado, **porque o idoso tem dificuldade**, pra vocês, vocês nascem com o computador nas mãos, vocês sabem tudo, e para o idoso é um mundo desconhecido, tem idoso que já trabalharam que já sabem uma porção de coisa,

mas tem outros que não sabem e que vieram fazer o curso e saem sem saber, entendeu, e é um período assim que exige muito, então você fica ali naquele período, fica com a cabeça quente, porque você quer aprender alguma coisa, você veio para aprender, e não conseguiu, tem também aquele recreinho pequenininho, ai volta, e não conseguiu porque não pegou a primeira parte e a segunda vai a reboque (risos) entendeu? então é isso ai, eu acho que o programa não deveria ser tão extenso, eles deviam ou então separar os que sabem em uma sala, os que sabem menos em outra sala, ou então outra coisa, **ensinar aquilo que as pessoas estão querendo aprender, não ensinar aquilo que eles estão querendo ensinar**, sabe por exemplo, você quer aprender a se comunicar com uma pessoa, então é isso que você vai fazer, vamos fazer agora, nós alunos aqui vamos se comunicar uns com os outros entendeu, para procurar preço de uma determinada coisa em lojas, como a gente faz, vamos acessar determinada loja, vamos comparar os preços com outros, **essas coisas práticas da vida, acho que seria melhor, sabe**, estatística, fazer não sei o isso, saber elaborar uma pesquisa de preço, saber se comunicar, buscar informações sobre determinadas coisas, saber onde encontrar, **eu acho que isso é uma coisa que significa muito para o idoso, coisa mais prática**, os alunos ali foram queridos, maravilhosos, mas eu acho que foi um período quase que inútil (Azaléia, 73 anos).

E finalmente, uma última critica levantada por Azaléia é de que alguns professores passam uma imagem de inexperientes e demonstram improvisação, como descrito a seguir:

Tem uns professores mesmo, **que eles mesmos falam que foram requisitados as pressas**, que as vezes **nem sabiam o que falar**, é (...) tem professor que disse que foram requisitados, parece que foram escolhidos de momento, vem **aqui fazer pra nós porque não tem ninguém que o faça**, você entendeu, então parece que é necessário que tenha uma coordenação assim, um preparo sobre (...) pra indicação determinadas pessoas, pra dar tempo a elas de se prepararem, que as vezes dá impressão na gente que elas foram convidadas muito rapidamente e não sabem o que falar, como falar e o porque falar, parece que elas foram escolhidas assim de uma maneira: “mas você pode fazer isso?” “posso, mas o quê que eu vou falar, não sei, não sei o que preciso falar?” então **tem algumas pessoas que fazem transparecer tudo isso e às vezes até falam que não sabiam como se explicar diante da turma**, queriam colaborar porque foram escolhidas mas não sabiam bem como, não estavam bem preparadas para isso, é **uma falha**, que você sente que a pessoa quer colaborar, mas ela não sabia nem porque foi chamada e nem como ela teria que colaborar, ela tava com uma disposição muito boa, mas ela não tava conseguindo (Azaléia, 73 anos).

As observações de Orquídea e Azaléia quanto ao conteúdo, aproveitamento e professores do curso são bem relevantes, pois a partir dessas reflexões é possível traçar estratégias para melhorar o projeto. Com relação aos profissionais, Pereira (2014) argumenta em seu trabalho que com o aumento dos idosos e das universidades abertas da terceira idade

aumenta-se também a demanda por profissionais com formação especializada e metodologia pertinente ao público idoso, já que trabalhar com idosos requer mais do que conhecimentos aprofundados, mas também é necessário ser um questionador da relação entre individuo e o conhecimento. Ressalta ainda que no Brasil, há uma carência de professores nessa área e que muitas vezes esses programas são conduzidos por voluntários. Lirio e Morales (2012) citam em seu trabalho algumas características que os educadores de idosos precisam manifestar para conseguir êxito no ensino. Algumas delas são:

- Com relação ao conteúdo, os professores precisam dominá-lo, para que possam transmiti-lo de uma forma interessante aos alunos;
- Com relação ao pedagógico, os educadores necessitam construir um ambiente agradável de aprendizagem, com aulas estruturadas, práticas, com linguagem acessível, interação e troca de conhecimentos entre aluno/professor e aluno/aluno.
- Com relação às características pessoais, é imprescindível ao docente ser um bom comunicador, entusiasta, motivador, que permita a participação e que esteja próximo as questões do processo de envelhecimento que seus alunos estão travessando, gerando um ambiente agradável de estudos.

6 Considerações Finais

Este estudo buscou compreender os significados do projeto da Universidade Aberta da Maturidade da Universidade Federal do Paraná para os idosos participantes. Por meio dos relatos das entrevistas, foi possível destacar alguns temas importantes, como a compreensão dos mesmos sobre o próprio processo de envelhecimento, que foi considerado como uma balança entre perdas e ganhos. No quesito perdas, destacaram-se as perdas físicas, perdas de entes queridos, solidão, preconceito da sociedade e diminuição da renda. Já com relação aos ganhos, os participantes apontaram o aumento do tempo livre para dedicação a família e amigos e a maturidade conquistada com o avanço da idade.

Dentre os motivos da procura pelo projeto, os mais citados pelos idosos foram: a necessidade de interagir com pessoas diferentes de seu convívio, a possibilidade de novos aprendizados, a ocupação do tempo livre e o reconhecimento por parte dos seus familiares e amigos. Os participantes também destacaram as expectativas iniciais acerca do projeto, que variaram desde aprender sobre temas relacionados à maturidade, a não necessidade de fazer provas, participar de viagens e passeios até conviver com amigos/conhecidos.

E sobre essas expectativas, eles afirmaram terem alcançado algumas, dentre elas, o aprendizado e/ou atualização dos conhecimentos e o aumento do círculo social. Constatou-se também expectativas que não foram alcançadas, como o não entrosamento com a turma e o planejamento insuficiente do curso, o que pode ter motivado a desistência por parte de alguns alunos. Já em relação aos depoimentos sobre os conhecimentos adquiridos, estes ocuparam também bastante espaço nas discussões, já que foram diversos. Os mais apresentados foram: medicamentos, expressão corporal, psicologia, nutrição, informática, PNL, entre outros.

Quanto à metodologia mais apreciada, os alunos citaram que preferem palestras animadas, interativas, dinâmicas, com linguagem acessível e professores atenciosos e pacientes. Os relatos sobre as críticas e sugestões também chamaram a atenção, pois houve

sugestões bem interessantes como, por exemplo, inserir no projeto aulas sobre jardinagem, possibilitar aos alunos a participação em trabalhos voluntários dentro da própria universidade, mas a sugestão que mais apareceu dentre os relatos foi a de dar continuidade ao curso, já que eles consideram a duração do projeto muito curta. Algumas críticas ficaram por conta da falta de passeios, falta de tempo para entrosamento e aprofundar conteúdos e até mesmo um pouco de inexperiência de alguns professores. Esses fatos levam a acreditar que apesar de ser um projeto de extensão institucionalizado, ainda há carência de profissionais com capacitação para educação para idosos, já que a maior parte deles são voluntários.

Refletindo ainda sobre o estudo realizado e sobre seus resultados, foi possível verificar que a proposta do projeto tem uma boa aceitação por parte dos idosos. Que mesmo com algumas limitações, eles buscam as atividades com o objetivo de obter novos aprendizados, estabelecer novos vínculos e interações sociais, visando melhorar o seu bem-estar e qualidade de vida.

Foi possível observar também que o projeto permite aos idosos que eles se sintonizem com as questões de seu tempo, oferecendo recursos para os mesmos enfrentarem o processo de envelhecimento de forma mais ativa, prevenindo riscos psicológicos e físicos. Pois como afirmam Medeiros e Wolff (2011), para envelhecer com sucesso não basta somente ter ausência de doenças, mas também é necessário expandir a vida e ultrapassar os limites impostos, principalmente aqueles construídos pela sociedade.

A sociedade precisa reconhecer o potencial desses projetos para a vida desses cidadãos idosos e investir mais na formação e capacitação de seus colaboradores, para que estejam afinados com as propostas e orientados quanto às peculiaridades do processo ensino-aprendizagem de pessoas mais velhas, há também a necessidade de atenção quanto à infraestrutura física dessas instituições-sede, para que sejam acessíveis as dificuldades de alguns idosos. Dessa forma, possibilitará elevar os projetos a um nível mais profissional e

reconhecido por todos.

Diante do exposto, espera-se que os dados dessa pesquisa contribuam para futuros ajustes e adequações no projeto de educação continuada para idosos desenvolvido na Universidade Federal do Paraná e tantos outros presentes no Brasil, tendo em vista que a partir dessas entrevistas com os participantes foi possível conhecer melhor as necessidades específicas desse público de idosos. O estudo apresentou uma predominância de mulheres, uma vez que se apresentaram mais disponíveis e em maior número na turma entrevistada. Porém esse fato não se tornou um limitador para a pesquisa, considerando que ambos os gêneros enfrentam os desafios do processo de envelhecimento com algumas semelhanças.

Para futuras pesquisas, fica a sugestão de avaliar se a rede de amizades dos alunos egressos, formadas durante o projeto, se mantém após o seu término e assim, a relevância de se implantar um curso de continuação para manter esses vínculos. Ressalta-se também a importância do aprofundamento dos estudos na área do envelhecimento e suas relações com o processo ensino-aprendizagem na velhice, sobretudo sobre as UnATIs, para que mais idosos possam ser beneficiados.

Referências

- Abramowicz, M. (2001). Tempo de ser: envelhecimento e a trama das interações sociais em um grupo de voluntárias. In V. Kachar (Org). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez.
- Alves, V.P.; Lopes, C. (2008). Idosos, Inserção Social e Envelhecimento Saudável no Contexto da Educação a Distância nas UnATIs: Um Relato de experiência. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 3(1).
- Baldin, T.; Magnabosco, C.R.(2015). Oficinas artísticas na universidade aberta para a terceira idade: contribuições para a qualidade de vida de idosos. *Revista Conexão UEPG*, 11(1).
- Batistoni, S.S.T.; Ordonez, T.N.; Lima-Silva, T.B.; Nascimento, P.P.P.; Kissaki, P.T.; Cachioni, M. (2011). Depressive symptoms in elderly participants of na open university for elderly. *Dement Neuropsychol*, 5(2), 85-92.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Ed.Jorge Zahar.
- Beauvoir, S., 1990. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Berger, P. L.; Luckman, T. (2003). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Binotto, M.A. ; Milistetd,m.; Benedetti, T. R.B.; Almeida, F.A. (2015). ProgramaUnviersidade Aberta para a Terceira Idade: avaliação do programa por meio do modelo RE-AIM. *Rev. Bras. Ativ. Fís. & Saúde*, 20(3), 309-320.
- Bodachne, L. (1995). *Como envelhecer com saúde* (20 ed.). Curitiba: Champagnat.
- Bosi, M.L.M.; Uchimura,K.Y. (2010). Avaliação qualitativa de programas de saúde:

contribuições para propostas metodológicas centradas na integralidade e na humanização.

In: M.L.Bosi, F.J.Mercado (Orgs.). *Avaliação qualitativa de programas de saúde: Enfoques emergentes*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Cachioni, M.; Neri, A.L. (2004). Educação e gerontologia? Desafios e oportunidades. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, 99-115, jan-jun.

Cachioni, M.; Palma, L.S. (2006). Educação permanente: Perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso. In E.V.Freitas [et al.]. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Cachioni, M.; Aguilar, L.E.; (2008). A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. *Revista Kairós*, 11 (1), 79-104.

Cachioni, M.; Falcão, D.V.S.; (2009). Velhice e educação: possibilidade e benefícios para a qualidade de vida. In D.V.S. Falcão; L.F.Araújo (Orgs). *Psicologia do envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados*. Campinas: Alínea.

Cachioni, M.; Ordonez, T.; Silva, T.B.L.; Batistoni, S.S.T.; Yassuda, M.S.; Melo, R.C.; Domingues, M.A.R.C.; Lopes, A. (2014). Motivational Factor and Predictors for Attending a Continuing Education Program for Older Adults. *Educational Gerontology*, 40, 584-596.

Campos, L.M.; Bosatto, E.C.; Mineiro, L. (2015) Perfil do estilo de vida dos idosos da universidade aberta da maior idade – UAMI da cidade de Caçador – SC. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, 9(53), 315-320.

- Carneiro, R.S.; Falcone, E.M.O.; (2013). O desenvolvimento das habilidades sociais em idosos e sua relação na satisfação com a vida. *Estudos de psicologia*, 18(3),517-526.
- Carvalho, M.C.B. (1999). Avaliação participativa – uma escolha metodológica. In E.M.Rico (Org.). *Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate*. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais.
- Casemiro, F.G.; Rodrigues, I.A.; Dias, J.C.; Alves.L.C.S.; Inouye, K.; Gratão, A.C.M. (2016). Impacto da estimulação cognitiva sobre depressão, ansiedade, cognição e capacidade funcional em adultos e idosos de uma universidade aberta da terceira idade. *Revista de Geriatria e Gerontologia*,19(4), 683-694.
- Castro, PC.; Tahara, N.; Rebelatto, JR.; Driusso, P.; Aveiro, MC.; Oishi. J. (2007). Influência da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) e do Programa de Revitalização (REVT) sobre a qualidade de vida de adultos de meia-idade e idosos. *Revista Brasileira de Fisioterapia*,11(6), 461-467.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1998). Brasília. Recuperado em 29 de set., 2015, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.
- Costa, F.G.; Campos, P.H.F. (2009). Representação Social da Velhice, Exclusão e Práticas Institucionais. In: *Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas*,1(1). Recuperado em nov. de 2015, de www.crp09.org.br.
- Cuenca, M.E. (2011). Motivación hacia el aprendizaje en las personas mayores más allá de los resultados y el rendimiento académico. *Revista de Psicología y Educación*, 6, 239-254.
- Dátilo, G.M.P.A.; Marin, M.J.S.; (2015) O envelhecimento na percepção de idosos que freqüentam uma universidade aberta da terceira idade. *Estudos interdisciplinares sobre o*

envelhecimento, 20(2), 597-609.

Dawalibi, N.W.; Goulart, R.M.M.; Prearo, L.C. (2014). Fatores relacionados à qualidade de vida de idosos em programas para a terceira idade. *Ciência & Saúde Coletiva, 19(8)*, 3303-3312.

Denzin, N.K. ; Lincoln, Y. (2006). Introdução: a disciplina e a prática qualitativa. In: Denzin, N. (org). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens*. Porto Alegre: Artmed. (pp. 15-41).

Domingues, M.A.; Ordonez, T.N.; Lima-Silva, T.B.; Torres, M.J.; Barros, T.C.; Cachioni, M. (2013) Social Support Network for the Elderly Attending the Open University Program for Senior Citizens At the School of Arts, Sciences and Humanities, University os São Paulo, Brazil. *Educational Gerontology, 39*, 209-221.

Eltz, G.D.; Artigas, N.R.; Pinz,D.M.; Magalhães, C.R. (2014). Panorama Atual das Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil. *Revista Kairós Gerontologia, 17(4)*, 83-94.

Erbolato, R.M.P.L. (2006) In E.V.Freitas [et al.]. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Fernandes, S.; Guimarães, A.C.A.; Simas, J.P.N.; Machado, Z.; Soares, A. (2011). Motivos de adesão e de permanência ao programa da Universidade Aberta à Maturidade do CEFID/UDESC. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento, 16(1)*, 97-110. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS.

Fernandes, M.G.M., Nascimento, N .F.S., Costa, K.N.F.M., (2010). Prevalência e determinantes de sintomas depressivos em idosos atendidos na atenção primária de saúde.

Revista Rene, 11(1),19-27.

Fernández, K.M.; Brenes, M.R. (2015). Características y retos del programa institucional para La persona adulta y adulta mayor (PIAM) de La Universidad de Costa Rica. In R.C.S.Oliveira e P.A.Scortegagna (Org), *Universidade Aberta para a terceira idade: o idoso como protagonista na extensão universitária.* (p.199-212) Ponta Grossa: Editora UEPG.

Finkler, L.; Dell'Aglio, D.D.; (2013) Reflexões sobre avaliação de programas e projetos sociais. *Barbarói, Santa Cruz do Sul,* (38),126-144.

Fraíz, T.O.; (2015) Programa de educación con mayores en Cuba: las Cátedras Universitarioas de Adultos Mayores. In R.C.S.Oliveira e P.A.Scortegagna (Org), *Universidade Aberta para a terceira idade: o idoso como protagonista na extensão universitária.* (p.2013-228) Ponta Grossa: Editora UEPG.

Freitas, M.C.; Queiroz, T.A.; Sousa, J.A.V.; (2010) O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Ver. Esc. Enferm. USP,* 2(44), 407-412.

Freire, P. (2002). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra.

Gasparini, M.F.V.; Furtado, J.P. (2014). Avaliação de programas e serviços sociais no Brasil: Uma análise das práticas no contexto atual. *Serv. Soc. Soc. São Paulo.* 117, 122-141.

Gásquez, J.J.; Pérez-Fuentes, M.d C.; Cárrion, J.J.; (2010). Análisis de la Memoria Cotidiana em alumnos Del Programa Universitario para Mayores em Almería. *European Journal of education and Psychology,* 3(1), 155-1465.

Gergen, K.J. (2009). O movimento do construcionismo social na psicologia moderna.

R.Interdisc. Interthesis, 6(1), 299-325.

Gergen, K.J.; Gergen, M. (2010). Construcionismo social: um convite ao diálogo. Rio de Janeiro: Instituto Noos.

Gois, C.W.L. (1993). *Noções de psicologia comunitária*. Fortaleza: Edições UFC.

Hall, S. (2006). A identidade cultural da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Editora DP&A.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2014) *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2014*, n. 34, 2014. Rio de janeiro. Recuperado em março de 2015, de (ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2014/SIS_2014.pdf <C:\Users\Flavia\Desktop\sintese dos indicadores sociais 2014.pdf>).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2008). *Projeção da população do Brasil por sexo e idade 1980-2050, revisão 2008, n. 24*. Rio de Janeiro. Recuperado em março de 2015, de (http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2013). *Projeção da população do Brasil por sexo e idade 2000-2060, Projeção da população das Unidades da Federação por sexo e idade 2000-2030*. Rio de Janeiro. Recuperado em março de 2015, de (ftp://ftp.ibge.gov.br/Projecao_da_Populacao/Projecao_da_Populacao_2013/nota_metodo_logica_2013.pdf). Acesso em: mar. 2015.

Irigaray, T.Q.; Schneider, R.H. (2007). Prevalência de depressão em idosas participantes da Universidade para a Terceira Idade. *Revista Psiquiatria RS, 29*(1), 19-27.

Kissaki, P.T.; Lima-Silva, T.B.; Ordonez, T.N.; Melo, R.C.; Batistoni, S.S.T.; Domingues, M.A.; Lopes, A.; Yassuda, M.S.; Cachioni, M. (2012). O impacto da participação em Universidade Aberta à Terceira Idade no desempenho cognitivo. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(7), 71-87.

Lei nº 8.842 de 04 de janeiro de 1994 (1994). Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 29 de set, 2015, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm

Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003 (2003). Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 10 de out., 2015, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm

Leite, V. M. M.; Carvalho, E. M. F.; Barreto, K. M. L.; Falcão, I. V.; (2006) Depressão e envelhecimento: estudo nos participantes do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade. *Revista Bras. Saúde Matern. Infant.*, 6(1), 31-38.

Lemieux, A.; Martinez, M.S. (2000). Gerontagogy beyond words: a reality. *Educational Gerontology*, 26: 475-498, Taylor & Francis.

Lima, M.P., (2001). Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI. In: V.Kachar (org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez.

Lima, M.A. (2001). A gestão da experiência em envelhecer em um programa para a terceira idade: UNATI/UERJ. In: R.P.Veras (Org.) *Velhice numa perspectiva de futuro saudável*. Rio de Janeiro: UERJ, UnATI – (Envelhecimento Humano).

Lirio Castro, J.; Morales Calvo, S. (2012). El reto de la formación del profesorado para una enseñanza de calidad en las universidades de mayores en *Pedagogía Social*. *Revista*

Interuniversitaria, 19, 155-166.

Lucas-Molina, B.; Pérez-Albéniz, A.; Fonseca-Pedrero, E.; Ortuño-Sierra, J. (2015). Programas educativos Universitario Para Mayores: Evaluación de su Impacto em la Autopercepción Del Apoyo Social y la Salud Mental. *Revista Colombiana de Psicología, 24*(1), 47-80.

Marconcin, P.E.P.; Alves, N.J.C.C.; Dias, C.; Fonseca, A.M. (2010). Bem-estar subjetivo e a prática de atividade desportiva em idosos alunos de universidades seniores do Porto. *RBCEH, 7*(3), 335-246.

Medeiros, E. P.; Wolff, S. H. (2011). Velhice e contemporaneidade: reflexões psicossociais sobre o aprendizado de informática em um grupo de idosos. *Estud. Interdiscipl.envelhec., 16*, 449-459.

Méllo, R.P.; Silva, A.A.; Lima, M.L.C.; Di Paolo, A.F. (2007). Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. *Psicologia & Sociedade, 19*(3), 26-32.

Moura, G.A., Souza, L.K., (2012). Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. *Revista Textos & Contextos, 11*(1), 172 – 183.

Montero, M. (2004) *Introducción a la psicología comunitaria: Desarrollo, conceptos y procesos*. Buenos Aires: Editorial Paidós

Montero, M. (2009) Scopes and Obstacles in Community Empowerment. *Universitas Psychologica, [1657-9267]*, vol.8, p.615.

Netto, A.J. (2001). Universidade aberta para a Maturidade: Avaliação crítica de uma avançada proposta educacional e social. In V. Kachar (Org). *Longevidade: um novo*

desafio para a educação. São Paulo: Cortez.

Nogueira, C. (2001). Construcionismo social, discurso e género. *Psicologia, XV*(1), 43-65. Universidade do Minho.

Ordonez, T.N.; Cachioni, M. (2011). Motivos para freqüentar um programa de educação permanente: relato dos alunos da universidade aberta à terceira idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 14*(3), 461-474.

Ordonez, T.N.; Lima-Silva, T.B.; Cachioni, M. (2011). Subjective and psychological well-being of students of a University os the Third Age. *Dement Neuropsychol, 5*(3), 216-225.

Oliveira, D.C.; Simoneau, A.S. (2012). Os programas universitários para pessoas idosas (UnATIs): um estudo de representação social. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 12*(2), 446-461.

Oliveira, M.A.; Batistoni, S.S.T.; Melo, R.C.; Yassuda, M.S.; Domingues, M.A.; Lopes, A.; Cachioni, M. (2012). Questionário de Expressão Emocional aplicado a idosos: indicadores psicométricos e relações com variáveis sociodemográficas e afetivas. *Revista Temática Kairós Gerontologia, 15*(7), 89-106.

Oliveira,R.C.S.; Scortegagna, P.A.; Oliveira, F.S.; (2015) Extensão universitária: perspectivas e ações para a terceira idade. In R.C.S.Oliveira e P.A.Scortegagna (Org), *Universidade Aberta para a terceira idade: o idoso como protagonista na extensão universitária.* (p.21-38) Ponta Grossa: Editora UEPG.

Oliveira,R.C.S.; Scortegagna, P.A.; Oliveira, F.S.; (2015). Universidad abierta a las persona

adultas mayores: espacio de pedagogía social, educación y empoderamiento. *Revista Investigativas en Educación*, 15(3).

Organização Mundial da Saúde (OMS). (1946). *Constituição da Organização Mundial da Saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde. Recuperado em março de 2015, de (<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>).

Organização Mundial da Saúde (OMS). (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde. Recuperado em março de 2015, de (<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>).

Organización Mundial de la Salud (OMS); Edwards, P. (2001). Salud y envejecimiento: Un documento para el debate. *Revista: Perfiles y tendencias*. Espanha: IMSERSO. Número 4-5. Recuperado em março de 2015, de (<http://envejecimiento.csic.es/documentacion/biblioteca/registro.htm?id=51478>)

Ortega, F. (2012). Por uma ética e uma política da amizade. Recuperado em 02 de Nov., 2015, de <http://ww2.sescsp.org.br/sesc/conferencias_new/subindex.cfm?Referencia=148&ParamEnd=5>.

Papaléo Netto, M. (2006). O estudo da velhice: Histórico, definição do campo e termos básicos. In E.V.Freitas [et al.]. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Papalia, D.E.; Olds, S.W.; Feldman, R.D.; (2006). *Desenvolvimento humano*. (D. Bueno, trad.). Porto Alegre: Artmed (Obra original publicada em 2001)

- Paschoal, S.M.P. (2006). Qualidade de vida na velhice. In E.V.Freitas [et al.]. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Patrocinio, W.P.; Todaro, M.A. (2012). Programa de educação para um envelhecimento saudável. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(3), 05-27.
- Pereira, E.T.; (2014) *A Terceira Idade na Universidade Aberta: Navegando, Buscando, Aprendendo em um Mar sem Fim*. Jundiaí: Paco Editorial.
- Pontarolo, R.S., Oliveira, R.C.S., (2008). Terceira idade: uma breve discussão. *Revista UEPG Humanit. Sci., Appl. Soc. Sci., Linguist., Lett. Arts*, 16(2), 115-123.
- Queiroz, Z.V.; Papaléo Netto, M.; (2007). Envelhecimento Bem-sucedido: Aspectos biológicos, Psicológicos e Socioculturais. Importância da Socialidade e da Educação. In M.P.Netto.(Org). *Tratado de Gerontologia*. São Paulo: Editora Atheneu. 2ed.rev. e ampl.
- Rasera, E.F.; Japur, M.; (2005). Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a psicologia. *Paidéia*, 15(30), 21-29.
- Rios, T.A. (1999). Avaliar: ver mais claro para caminhar mais longe. In E.M.Rico (Org.). *Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate*. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais.
- Rozendo, A.S.(2010). *Construção social do envelhecimento e experiências da Velhice*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciência e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, São Paulo, Brasil.
- Sampieri, R.H.; Collado, C.F.; Baptista Lucio, M.P. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. Porto Alegre: Penso.

Saturnino, R.N.; Barboni, S.A.V., Silva, I.J.M.; (2010). Oficinas de atividade física oferecida pela Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana (2007-2008): uma análise crítica. *RBCEH*, 7(3), 445-459.

Schneider, R.H.; Irigaray, T.Q.; (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 585-593.

Scortegagna, P. A.; Oliveira, R.C.S. (2010). Educação: integração, inserção e reconhecimento social para o idoso. *Revista Kairós Gerontologia*, 13(1), 53-72.

Silva, L. R. F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde*, 15(1), 155-168.

Silva, N.P.; Cachioni, M.; Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos na UnATI EACH-USP. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(7), 235-257.

Spink, M.J. P.; Medrado, V. (2013). Produção de sentido no cotidiano: Uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: M.J. Spink (org.). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações Teóricas e Metodológicas*. São Paulo: Cortez Editora, Capítulo II.

Spink, M.J. P.; Lima, H. (2013). Rigor e visibilidade: A explicitação dos passos de interpretação. In: M.J. Spink (org.). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações Teóricas e Metodológicas*. São Paulo: Cortez Editora, Capítulo IV.

Spirduso, W.W. (2005). *Dimensões físicas do envelhecimento*. (P.Bernardi, trad.). Barueri, SP: Manole

Taam, R.; Stieltjes, C. (2012). Esperança de vida e educação permanente na terceira idade.

Acta Scientiarum, Human and Social Sciences, 34(1), 19-26.

United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2013).

World Population Prospects: The 2012 Revision, Highlights and Advance Tables. Working Paper No. ESA/P/WP.228. Recuperado em março de 2015, de http://esa.un.org/wpp/Documentation/pdf/WPP2012_HIGHLIGHTS.pdf.

Urbano, C.A.; Yuni, J.A. (2015). Aprender para um envejecimiento activo: retos para lás prácticas educativas com personas mayores. In E.P. Martínez; E.A. Fernández; J.L. Castro (org.) *Gerontología Social y Envejecimiento Activo*. Madrid: Service Point. Salcedo, Capítulo VI.

Veiga, M.R.M.; Cordeiro, A.M.R.; Ferreira, S.C.M.; (2014). Territorialidades educadoras na construção de velhices com qualidade. *Revista Saber & Educar 19/Educação e Trabalho Social*. 116-124. Portugal.

Veras, R.P; Caldas, C.P.; (2004). Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. *Ciênci&Saúde Coletiva, 9(2)*, 423-432.

Yuni, J.A.; Urbano, C.A. (2011). Aportes para una conceptualización de la relación entre aprendizaje y resignificación identitaria em la vejez. *Revista Electrónica Palabras Mayores, (6) Año 3*. Lima: Pontificia Universidad Católica Del Perú.

Zimerman, G.I. (2000). *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed.

Zielinska-Wieczkowska, H.; Muszalik, M.; Kedziora-Kornatowska, K. (2012). The analysis of aging and elderly age quality in empirical research: Data based on University of the Third Age (U3A) students. *Archives of Gerontology and Geriatrics, 55*, 195-199.

Zielinska-Wieczkowska.H; Ciemnoczolowski, W.; Kedziora-Kornatowska, K.e Muszalik, M. (2012). The sense of coherence (SOC) as an important determinant of life satisfaction, based on own research, and exemplified by the students of University of the Third Age (U3A). *Archives of Gerontology and Geriatrics*, 54, 238-241.

Apêndices

Apêndice A - Roteiro de entrevista com alunos do projeto

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Escolaridade:

Mora com quem:

Profissão:

Aposentado:

- 1) Como você tem vivido esta etapa da sua vida?
- 2) O que mudou em sua vida com a chegada da velhice?
- 3) Na sua opinião, qual é a parte boa e a não tão boa? O que é o melhor e o pior da velhice?
- 4) Destes aspectos citados, o que te levou a procurar o projeto?
- 5) Como ficou sabendo sobre o Programa da Universidade Aberta da Maturidade?
- 6) Você frequenta outros grupos?
- 7) Quais eram as suas expectativas iniciais acerca do Programa?
- 8) Você disse que as expectativas era...Então elas foram alcançadas? Sim/Não/Por quê?
- 9) O que você considera ter aprendido neste Programa que foi útil para sua vida? Pode me dar exemplos?
- 10) Você atribui alguma mudança/benefício em sua vida ao fato de estar participando do Programa? Justifique.
- 11) De que maneira esta mudança/benefício é importante para esta fase da sua vida e para sua velhice?
- 12) Quais são as suas atividades preferidas dentro do Programa? Por quê?

- 13) E quais atividades não te agradaram muito dentro do Programa e por quê?
- 14) Você recomendaria a UAM para outras pessoas?
- 15) Você considera a forma de ensinar/apresentar os temas pelos professores adequada?
- 16) Que tipo de metodologias foram utilizadas em sala? E qual delas foi melhor para você?
- 17) Você teve dificuldade em aprender algum tema apresentado? Por quê?
- 18) Você considera ter ampliado sua rede de amizades a partir da participação no Programa?
- 19) Pretende continuar mantendo contato com estas pessoas posteriormente? Como?
- 20) Você tem alguma crítica ou sugestão de melhoria para o Programa?
- 21) Você está satisfeito com a UAM?

Apêndice B - Solicitação de autorização de pesquisa

À Prof. Dra. Maria Emilia Daudt Von der Heyde,
Coordenadora do Programa Universidade Aberta da Maturidade

Solicito autorização para o levantamento de dados com os alunos do Programa Universidade Aberta da Maturidade e para utilização do nome da Instituição na pesquisa intitulada: Participação de idosos em um programa de educação continuada sob a perspectiva da Psicologia Social Comunitária, sob orientação da Prof. Dra. Ana Claudia N.S.Wanderbroocke. O objetivo deste trabalho é compreender os significados do projeto da Universidade Aberta da Maturidade para os idosos participantes, para averiguar se houve melhorias na qualidade de vida e bem estar dos mesmos.

Pretende-se realizar uma pesquisa qualitativa, com entrevistas semi-estruturadas aos participantes do Programa, no primeiro semestre de 2016, com os alunos inscritos na turma 2015/2016. A coleta de dados será realizada, preferivelmente, nas dependências da Instituição, em horários a serem combinados com os entrevistados, de acordo com sua disponibilidade.

Este estudo é requisito para obtenção do grau de mestre no Programa de Pós Graduação em Psicologia Social Comunitária da Universidade Tuiuti do Paraná.

Todos os custos correrão por conta da pesquisadora, sem qualquer ônus financeiro para a Instituição. Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo e em caso de publicações científicas, manteremos sigilo sobre a identificação dos participantes.

Antecipadamente agradeço,

Flávia Yamasaki
Pesquisadora

Prof. Dra. Ana Claudia N.S.Wanderbroocke
Orientadora

Autorizado em ____ / ____ / ____

Prof. Dra. Maria Emilia Daudt Von der Heyde
Coordenadora Universidade Aberta da Maturidade

Apêndice C - Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado(a),

Eu, Flávia Yamasaki, aluna do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social Comunitária – Nível de Mestrado – da Universidade Tuiuti do Paraná, sob orientação da Prof. Dra. Ana Claudia N.S.Wanderbroocke, peço a gentileza de sua colaboração para a realização de minha pesquisa intitulada: Participação de idosos em um programa de educação continuada sob a perspectiva da Psicologia Social Comunitária.

O objetivo deste trabalho é compreender os significados do projeto da Universidade Aberta da Maturidade para os idosos participantes, para averiguar se houve melhoras na qualidade de vida e bem estar dos mesmos.

O estudo consiste na realização de uma entrevista semi-estruturada com algumas perguntas pré-estabelecidas, terá duração de no máximo 60 minutos e será realizada em local e horário agendado conforme a sua disponibilidade. A entrevista será gravada em áudio, e após a transcrição será destruída. Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo e em caso de publicações científicas, manteremos sigilo sobre a identificação dos participantes.

A participação não é obrigatória e poderá ser interrompida a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Não haverá nenhum custo financeiro e mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

A pesquisa foi formulada para não expor os participantes a nenhum risco ou desconforto, mas caso isto ocorrer, a pesquisadora se compromete a dissipar as possíveis preocupações e/ou se for o caso encerrar imediatamente a pesquisa.

Agradeço desde já a sua colaboração, e coloco-me a disposição para qualquer esclarecimento ou dúvida sobre o projeto ou quanto à sua participação, por telefone (41) 9809-2862 ou e-mail yamafly@gmail.com. Você poderá ter acesso aos resultados da mesma ao final da pesquisa, caso deseje.

Declaro de forma livre e esclarecida, que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Curitiba, ____/____/____

(Assinatura do entrevistado)

Flávia Yamasaki

Pesquisadora

Prof. Ana Claudia Wanderbroocke

Orientadora